

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

TOMÁS NDAWANAPO

AS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS E EDUCATIVAS DA IGREJA EVANGÉLICA
LUTERANA DE ANGOLA NO SEU CONTEXTO ONTEM E HOJE

São Leopoldo

2010

TOMÁS NDAWANAPO

AS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS E EDUCATIVAS DA IGREJA EVANGÉLICA
LUTERANA DE ANGOLA NO SEU CONTEXTO ONTEM E HOJE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Orientador: Roberto Ervino Zwetsch

Segunda Avaliadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N337i Ndawamapo, Tomás

As influências religiosas e educativas da igreja evangélica luterana de Angola no seu contexto ontem e hoje / Tomás Ndawanapo ; orientador Roberto Zwetsch ; co-orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

77 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Igreja Evangélica Luterana de Angola – Educação. 2. Igreja Luterana – Educação - Angola. 3. Education – Angola. I. Zwetsch, Roberto. II. Brandenburg, Laude Erandi. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

TOMÁS NDAWANAPO

AS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS E EDUCATIVAS DA IGREJA EVANGÉLICA
LUTERANA DE ANGOLA NO SEU CONTEXTO ONTEM E HOJE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária Com Infância e
Juventude

Data:

Roberto Ervino Zwetsch - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

RESUMO

Este trabalho faz uma análise sobre o envolvimento, desde o início da confessionalidade luterana, com a educação escolar das crianças em Angola. A primeira parte faz uma abordagem educacional das crianças sob princípio da cultura e tradição dos povos Bantu em Angola. Esta parte inclui a gestação, a infância, a adolescência, e os ritos de passagem para meninas e meninos. A implantação da Igreja em Angola decorre em simultâneo com a fixação do colonialismo. Por isso os planos da Educação da Igreja eram subordinados às pretensões do sistema colonial. A segunda parte analisa o quanto a Missão Evangélica Luterana em Angola valorizou a educação da criança, começando com a própria tradição luterana. Nesta parte fala-se alto a catequese desde a Reforma na Alemanha até ao surgimento da Igreja Luterana em Angola. Esta é a parte do trabalho que é emocionante no ponto de vista histórico. Porque traz à tona histórias de pessoas que morreram pela implantação da Igreja Luterana em Angola. Aqui percebe-se que o sistema colonial ofereceu ao povo angolano, principalmente àqueles que tinham como opção a confissão Luterana – uma igreja, uma língua para o ensino escolar e prisão ou morte aos reticentes. A terceira e última parte fala da Igreja Evangélica Luterana de Angola, em sua relevância para a Educação escolar das crianças a partir da grande comissão de Jesus Cristo em Mateus 28.19-20. Aborda sobre a criança na Bíblia e as relações das crianças com a família moderna em Angola, mostrando o quanto a confessionalidade luterana valoriza a educação da criança e termina com o delineamento de um projecto educativo da IELA que é um desafio. O trabalho começa com uma introdução sucinta e encerra com uma conclusão sintética.

Palavras-chave: Educação. Escola das crianças. Igreja Evangélica Luterana de Angola.

ABSTRACT

This work makes an analysis on involvement from the beginning of the Evangelical Lutheran confession with children's education school in Angola. The first part makes an education approach of children, starting from the traditional and culture of Bantu people in Angola. This part includes gestation, childhood, adolescence and rites of passages for girls and boys. The implantation of the church in Angola elapses in simultaneous with the fixation of the colonialism system. Therefore the education plan of the church was subordinated under pretensions of colonialism system. The second part analysis how, the Evangelical Lutheran mission in Angola, valued the children's school education. In this part, is spoken loudly about the catechism from the reform of the church in Germany until the appearance of the Lutheran Church in Angola. This is, also, a part of the work that is touching in the historical point of view, because it brings to the unstressed histories of people, that were arrested and another died because of the implantation of the Lutheran Church in Angola. It is noticed that the colonial system offered to the Angolan people – mainly to those that had as eclesial option the Lutheran confession – a church, a language for teaching and prison or death for the reticent. The third part and the last one speeches on the evangelical Lutheran church of Angola in it's relevance for children's education. It is showing that Christian Education starts from Jesus Christ's Great Commission in Mathew 28.19-20. It approaches on the children in the Bible, the child's relationships with the modern family in Angola, showing how the Lutheran confession values the children's school education and finishing with a proposal of an education project of IEELA that is a challenge. The work starts with a brief introduction and ends with a synthetic conclusion.

Keywords: Education. School of children. Evangelical Lutheran Church of Angola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 OS CONCEITOS ANGOLANOS SOBRE O INFANTO-JUVENIL E A EDUCAÇÃO ECLESIAL.....	10
1.1 A família na concepção tradicional angolana	10
1.1.1 <i>A educação dos filhos na perspectiva tradicional angolana.....</i>	11
1.1.2 <i>Reflexão em torno do objecto da pesquisa</i>	13
1.1.3 <i>Observando o infanto-juvenil na perspectiva angolana no contexto anterior à evangelização</i>	14
1.1.3.1 A infância	14
1.1.3.2 A adolescência	17
1.2 A implantação da Igreja em Angola e o processo educativo do infanto-juvenil.....	21
1.2.1 <i>A criança e a educação tradicional, sob o princípio da “adoração” de valores culturais.....</i>	26
2 A MISSÃO EVANGÉLICA LUTERANA EM ANGOLA: SUA VISÃO EVANGELÍSTICA E EDUCATIVA	30
2.1 A tradição luterana e a Catequese	30
2.1.1 <i>O que é a catequese?.....</i>	30
2.1.2 <i>Como é que se processava o ensino catequético?.....</i>	32
2.2 A catequese na Igreja Luterana em Angola	32
2.3 A catequese com missionários alemães em Angola	33
2.4 A catequese com missionários finlandeses em Angola.....	35
2.5 A catequese com missionários nativos em Angola.....	39
2.5.1 <i>A época dos missionários itinerantes.....</i>	39
2.5.2 <i>O trabalho do primeiro pastor nativo, Rev. Sinson Ndatipo</i>	43
2.5.3 <i>O trabalho do segundo pastor nativo, Rev. Noé Ndeutapo.....</i>	47
2.5.4 <i>Da Missão Evangélica Luterana em Angola à constituição de uma Igreja nacional autónoma.....</i>	49
2.6 IELA: O novo desafio educativo	53
3 IGREJA EVANGELICA LUTERANA DE ANGOLA: PENSANDO E PERSPECTIVANDO A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA.....	54
3.1 A criança na perspectiva bíblica.....	54
3.2 A criança no seio da família moderna angolana.....	57

3.3 A importância da criança na educação luterana.....	60
3.4 Condição social da criança angolana.....	62
3.5 Educação escolar da criança em Angola.....	63
3.6 Projecto educativo da Igreja Evangélica Luterana de Angola - IELA.....	65
3.6.1 <i>A consciência do contexto sociocultural e aplicação do projecto</i>	68
CONCLUSÃO.....	72
REFERÊNCIAS.....	74

INTRODUÇÃO

Quando olhamos para as Igrejas que deram origem à Igreja Evangélica Luterana de Angola (IELA), notamos uma grande diferença em termos de organização e actuação escolar. Quais as principais razões dessa diferença? A Igreja Luterana em Angola não se interessou pela educação escolar das crianças? O que levou a IELA a não constituir escolas? Houve ou não programas educativos no início da implantação da Igreja Evangélica Luterana em Angola? E antes disso, como se processava a educação das crianças entre os povos nativos de Angola?

Estas são as questões que este trabalho de pesquisa sobre as *Influências religiosas e educativas da Igreja Luterana em Angola no seu contexto ontem e hoje* vai procurar responder. Por meio deste trabalho, o leitor e a leitora ficarão esclarecidos como o sistema colonial em Angola pugnou a educação aos angolanos. Como a Igreja em Angola foi perseguida para não ensinar a ler e escrever às crianças. E como, corajosamente, resistiu às proibições dos colonizadores, suscitando pessoas pioneiras que assumiram o desafio de educar na fé o povo das comunidades, principalmente crianças e jovens, ainda que isso pudesse ser motivo de perseguição e até o martírio!

Três capítulos abordarão o referido tema. O primeiro capítulo servirá para demonstrar o sistema educativo tradicional da criança na cultura angolana, passando pela educação eclesial que chegou no país na mesma época da colonização. O segundo capítulo irá abordar a missão evangélica luterana, alemã e finlandesa, procurando descobrir como a Igreja se relacionou com a educação escolar das crianças. O terceiro capítulo fará uma breve observação histórica de sistemas educativos que actuaram em Angola desde o tradicional, passando pelos novos programas de educação após a independência até as intenções luteranas, culminando com ilustrações de um projecto educativo da IELA que não deve ser algo desvinculado das bases fundamentais das origens da Igreja.

O trabalho termina com uma conclusão delineada cautelosamente. O espaço é limitado para apresentar tudo o que seria desejável, mas acreditamos que seja suficiente para despertar o apetite a fim de se ir em busca de mais

conhecimento a serviço do aprofundamento da caminhada de fé e de serviço libertador e transformador, como preconiza o evangelho de Cristo, ontem e hoje.

Esperamos, pois, que esta pesquisa sirva aos propósitos da IELA no que se refere à prioridade dada à educação de crianças e infanto-juvenis em Angola.

1 OS CONCEITOS ANGOLANOS SOBRE O INFANTO-JUVENIL E A EDUCAÇÃO ECLESIAL

1.1 A família na concepção tradicional angolana

Tratando-se do infante-juvenil, que é uma faixa etária no seio de uma comunidade abrangente, pensamos ser relevante caracterizar a família tradicional angolana logo no início desta pesquisa, embora resumidamente.

A família entre os povos Bantu, em Angola, é extensa. Formada por uma constelação de famílias nucleares cujo elo de ligação é de geração em geração. Isto é, uma relação de pais para filhos, composta por duas ou mais gerações. Vivem no mesmo espaço físico em unidades menores de tectos.¹

Significa, é uma família estruturalmente baseada na descendência de ambas as pessoas cônjuges (esposo e esposa) e, em alguns casos, incluem pessoas que não têm relações consanguíneas com nenhum dos cônjuges. Às vezes, a solidariedade é mais relevante que a consanguinidade. A família é extensa porque resulta da consanguinidade e ou convivência solidária.² É uma espécie de teia de relações sociais e não intimidade de relações. Neste tipo de família, ninguém passa fome enquanto alguém tem o excedente. O pouco se reparte para todos. Todos têm que trabalhar juntos, incluindo as crianças desde tenra idade.³

O sistema de linhagem é matrilinear. Quando morre o pai o filho não herda. Este direito cabe ao sobrinho, filho da irmã materna do pai. Normalmente observa-se usurpação dos direitos dos filhos que sofrem com o pai, durante a vida toda.

No caso de festas de nubilidade, que veremos adiante, é o tio da “nubente” que toma a responsabilidade pelos bens do consumo durante a cerimónia.⁴ Em questões de educação dos filhos “era o pai e não o tio materno quem assumia as

¹ Actualmente é moderado esta relação familiar para pessoas que vivem nas cidades. Mesmo assim, as famílias são extensas. Sobrinhos, primos... acompanham os tios/tias... nas cidades. Os tradicionais quimbos no campo, onde se destacam diversos tectos, ainda existem, exibindo famílias extensas.

² É uma família ecuméne. Compartilha-se tudo. Ninguém pode estar aí a comer um pão “carçaça” sozinho enquanto os outros lhe assistem.

³ O trabalho das crianças não se compreende como exploração infantil. É uma prática cultural, embora, na verdade, prejudica as crianças.

⁴ Esta prática difere de povo para povo. Entre os mumuila, por exemplo, é o pai que arranja o boi que se consome na festa.

responsabilidades inerentes, mantendo-as, por vezes, até em casos de dissolução de casamento”.⁵

1.1.1 A educação dos filhos na perspectiva tradicional angolana

A educação das crianças na tradição angolana é hierárquica e relativa.

Ser criança é determinado pelo dia do nascimento em relação à pessoa com quem se lida. Quem nasce depois do outro deve obediência ao anterior. A partir deste princípio, existe o seguinte ditado dos ambós: “*Um idoso sentado vê mais distante que um jovem de pé*”.⁶ Na cultura africana, um/a filho/a mesmo que tenha se casado não opina nem decide sozinho/a. Espera, antes de tudo, os conselhos dos mais velhos. De facto, parece falta de independência. Parece que não se cresce. Mas, olhando bem, é profundo. Tem a ver com o espírito de comunidade e comunhão. Prima-se pelo compartilhar de ideias, de experiências e opiniões, para alguém agir melhor no seio da comunidade. Na comunidade todos os bens – quer sejam materiais, adquiridos ou natos como a inteligência, a experiência profissional, por exemplo, que é dádiva de Deus – são partilhados, com maior sapiência pelos mais velhos. Ouvir a opinião do outro, muito melhor quando do idoso, é procurar agir com diligência, e amparado pelas contribuições de ideias de outras pessoas. Isto ajuda a evitar o absolutismo e oferece segurança comunitária ao agir. É como, por exemplo, quem faz uma pesquisa científica deve se basear nas fontes dos outros.

As crianças desde pequenas são ensinadas a viver e como viver com as outras pessoas. São ensinadas como se comportar perante e lidar com as pessoas.

Desde tenra idade, depois do nascimento, isto é nos primeiros dezoito meses de vida, a criança tem um constante contacto com a mãe. Ela é carregada no colo (às costas da mãe). Quando chora, raramente a mãe rejeita entregar-lhe a mama. Em momentos que a mãe está muito ocupada ou terminando algum trabalho, que não queira deixar pela metade, e se a criança inicia a chorar, fala para ela: ***venho já filha/o, não se irrite, estou terminando o nosso⁷ trabalho rapidinho***. A criança não interpreta essas palavras. Parece absurdo a atitude da mãe, não é? O

⁵ MONTEIRO, Ramiro Ladeiro. *Os ambós de Angola, antes da independência*. Lisboa: Artes Gráficas, 1994. p.121.

⁶ “Omuhungu eli omutumba oku wete kokule edule omunyasha eli ofika”. Ditado dos ambós.

⁷ Repara que a mãe não diz o meu trabalho mas, o nosso trabalho: Trabalho da mãe com o bebé que chora. O bebé também está a trabalhar com a mãe. Ele, o bebé, é companheiro da mãe.

facto é que a mãe não pode se calar perante o lamento, perante uma queixa; fechar seus ouvidos ao/à filho/a que chama. Por isso lhe responde: Não estás sozinho, estou aqui. Não estás abandonado/a.

Depois de deixar de mamar, já crescadinha, entre os três aninhos de idade em diante, a criança sempre vai estar ao lado de alguém, quer seja fazendo um trabalho, quer seja caminhando, nas refeições ou ao ir para cama. São as relações familiares, comunitárias, princípios de solidariedade, em resumo, a importância de viver em comunidade a serem introduzidas na criança.

Pierre Weil aborda as relações da criança com a família,⁸ e em seu livro dá para ver as grandes diferenças no pensamento e prática da educação doméstica das crianças entre as famílias ocidentais e africanas. A título de exemplo, as crianças ocidentais são mantidas na cama até ao quarto mês.⁹ Vale repetir o que dizemos atrás: a angolana acompanha a mãe, estando nas costas. Em algumas culturas, três semanas depois de nascida, a criança é apresentada ao público numa cerimónia a respeito.¹⁰ Daí em diante a criança pode ser carregada nas costas.

Weil estrutura, muito bem, a vida da criança de uma forma que nos agrada: “gestação, o recém-nascido, a primeira infância, a idade de falar, a idade do «não», a idade da «razão», a pré-adolescência e a puberdade, a juventude e a maturidade”.¹¹

Esta estrutura é boa para o estudo da criança. Também para o conhecimento da própria instrução da criança. O espaço para a elaboração deste trabalho não permite, no entanto, aprofundar consistentemente a referida estrutura. Seria muito relevante fazê-lo. Porém, ao que se nos oferece vamos por aqui.

No sistema familiar africano, vertical, não há abertura para o diálogo entre mais velho e criança. As opiniões e as ordens do mais velho não se discutem! A palavra do mais velho não se averigua, não se contraria. Ela, a palavra do idoso, é sempre certa, porque é repleta de experiências. A criança se reserva a ouvir e receber do idoso. Este princípio educativo hierárquico influi nas relações políticas e

⁸ WEIL, Pierre. *Relações humanas na família e no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1987. p .203.

⁹ WEIL, 1987, p. 205.

¹⁰ Na verdade existe, também em Angola, culturas em que a criança permanece no quarto durante três meses desde o dia de nascimento. Depois deste período, realiza-se a cerimónia de apresentação da mesma ao público.

¹¹ WEIL, 1987, p. 203-210.

governamentais africanas, tornando-as tendentes ao absolutismo e ditatoriais. As autoridades africanas raramente cumprem a lei. De outra forma, fazem cumprir a lei. Por isso se lhes torna difícil deixar o poder.

Como se pode perceber a evolução da criança neste sistema de educação? Quando está fazendo exactamente como faz a sua comunidade, e conforme as práticas dos pais. E isso contribui para a evolução da própria comunidade ou se continuará a fazer-se as mesmas coisas?

Ultimamente verificamos que esta tradição cria dependência no tempo, provoca revolta e fuga dos/as filhos/as das casas dos pais para algures. Muitas crianças abandonam o campo para cidade – pode ser por outros motivos – por causa da falta da abertura dos pais. Não é verdade que os mais velhos tenham o domínio total da sabedoria e inteligência. Algumas culturas angolanas já observaram isso há muitos anos conforme o seguinte ditado: “Conhecer o elefante não depende de idade, é falta de conviver com caçador”¹² (tradução nossa).

A partir destas constatações e descobertas, achamos ser importante a educação ocidental para África. Não para substituir as práticas educativas da tradição e cultura africana, mas para contribuir e compartilhar as metodologias.

Passemos a reflectir nisso nos passos seguintes.

1.1.2 Reflexão em torno do objecto da pesquisa

A realidade da infância, adolescência e juventude do autor deste trabalho – em termos educativos e formação – na sua região de origem, concretamente na província do Cunene, não se distancia substancialmente da actualidade, apesar de algumas mudanças. Constata-se, até hoje, crianças com idade escolar e adolescentes que não estudam. Se estudam, fazem-no em baixo de árvores, como foi há 40 anos atrás. Por isso, mal aprendem, mal escrevem e mal falam o português, língua do ensino e comunicação no país. É preciso a negação da constante falta de ensino adequado a que estão expostas muitas crianças e adolescentes, nas cidades e entorno. Uma reflexão séria e profunda, para um progresso académico, profissional, social e estrutural para investimento nas

¹² *Oku mona Ondjamba haukulu, kwaendele nomukongo.* Provérbio Nkumbi cujo moral é: “O conhecimento não depende de idade mas da instrução e experiência”.

peçoas¹³ se impõe. Existem crianças no país¹⁴ que não têm acesso à formação e, muito menos, à informação e ao ensino de qualidade. O dia que este autor deu conta que existem crianças, ainda neste século, que fogem do carro,¹⁵ ficou bastante chocado e sentiu que algo ainda está faltando no fazer missionário da Igreja e na actuação da sociedade.

Durante seus estudos¹⁶ de Teologia, descobriu que a igreja imigrante na América Latina foi implantada ao mesmo tempo com a educação escolar. Em África, em particular, em Angola, esta estratégia, através da qual a escola caminhava junto com a Igreja, não era objectivo. Podia estar implícita. Patente, no entanto, foi e ainda é a doutrina da conversão. A evangelização, em alguns lugares da África – como em Angola – foi obrigada a dissociar-se da educação escolar. Adulto, homem ou mulher, assim como adolescentes e jovens de ambos os sexos, iniciavam as aulas de catecismo, aprendendo os Dez Mandamentos a decore, o Sacramento do Baptismo e do Altar, algumas histórias da Bíblia, e por fim recebiam o baptismo com o novo nome¹⁷ da conversão sem saberem ler nem escrever. O baptismo, de alguma forma e em muitos casos, tornou-se uma oportunidade para um/a adolescente trocar o nome que recebera, do seu pai, e que não gostava. Voltaremos a falar mais deste assunto sobre o catecismo no capítulo dois deste trabalho. Por ora interessa-nos dar uma vista de olho no que diz respeito à criança na tradição angolana.

1.1.3 Observando o infanto-juvenil na perspectiva angolana no contexto anterior à evangelização

1.1.3.1 A infância

Tratando-se do infanto-juvenil a partir dos 0 aos 14 anos, considera-se relevante emergir neste ponto com as seguintes palavra de James Fowler:

¹³ A ideia vai além das pessoas como indivíduos. Pensa-se em Humanidade.

¹⁴ Na área de Tyavikwa, Província do Cunene, por exemplo, encontramos crianças que, em pleno século 21, fogem do carro. Não é de admirar? Coisas que meus colegas e eu fazíamos nos anos sessenta porque tínhamos medo dos portugueses.

¹⁵ Para dar conta disso, visitava congregações no meio rural. Vinha de carro e, algumas crianças que apascentavam o gado, brincando, não escutaram o carro de longe. Logo que viram o carro se meteram em fuga entre arbustos, com perigo de se ferirem.

¹⁶ Os estudos de Teologia foram feitos de 1996-2000, na Escola Superior de Teologia, da Igreja Evangelica de Confissão Luterana no Brasil em São Leopoldo, RS – Brasil.

¹⁷ Mais tarde descobrimos que muitos jovens não convertiam suas vidas, mas convertiam seus nomes, pois achavam que os nomes dados pelos pais eram “feios”, queriam nomes estrangeiros, nomes, no dizer dos outros “civilizados”.

Nos primeiros meses de vida, um infante experimenta o mundo como uma seqüência relativamente informe e fluida de estímulos, sem permanência ou realidade à parte da atenção da criança a ele. Se os psicanalistas falam desta fase como uma etapa caracterizada por sentimentos de onipotência narcisista na criança, devemos dizer que é um narcisismo sem Narciso. Ainda não há “eu” e “outro”. Por todo o primeiro ano, e até aos 18 meses, a criança está envolvida na gradual descentralização do eu.¹⁸

Falar do infanto-juvenil dos 0 aos 14 anos jaz um elemento ignorado: o ser humano em formação. No ponto de vista africano, a consideração do ser humano, como ser humano, não só acontece após o nascimento. Parte da concepção, no ventre da mãe. É aqui onde parte nossa reflexão em torno deste ser humano que se estende da concepção no ventre da mãe.

Se nos primeiros meses de vida, no dizer de Fowler, um infante experimenta o mundo,¹⁹ José Ferreira Neto observa que depois de grávida, em Angola, a mulher não pode ter relações sexuais com uma outra pessoa a não ser com o homem que lhe engravidou para evitar complicações no acto do parto.²⁰ Sob este princípio filosófico, o infante já começa a agir no ventre da mãe, impondo regras e exigindo direitos e respeito à sociedade. Pierre Weil afirma: “já nesta época, há necessidade de tomar algumas precauções com o filho, embora ele esteja ainda no ventre materno”.²¹ Sim, nesta fase existe o eu sem egoísmo.

Na bioética se discute a questão quando o ser humano é pessoa. Sob o ponto de vista tradicional africano, a pessoa é valorizada e dignificada a partir da concepção e não pelas habilidades físicas, intelectuais, profissionais, razão e, ou sentimentos.²² O ser humano, como pessoa, existe antes das possibilidades classificatórias da ciência humana. Ele é produto da consciência de Deus que se materializa no ventre da mulher. Logo, a infância – não para contrariar a psicanálise,²³ mas para contribuir – começa neste ponto aludido.

O que se coloca em relação à gravidez é o cuidado e a responsabilidade da gestante pelo resto da família, e da sociedade com relação a este ser ainda

¹⁸ FOWLER, James W. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 53.

¹⁹ FOWLER, 1992, p. 53

²⁰ NETO, José Ferreira. *O Baixo Cunene: subsídios para o seu desenvolvimento*. Lisboa. Centro de estudos políticos e Sociais, 1963. p. 51.

²¹ WEIL, 1987, p. 202.

²² Usando a razão, a Psicanálise classifica a infância da seguinte forma: 1ª Infância 0-3 anos; 2ª Infância 3-7 anos; 3ª Infância, 7- a puberdade.

²³ Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Revista e aumentada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 942.

carregado no organismo da mãe. Ele é alguém que existe de forma individual, mas na mãe. Pelo facto de alguém cuidar dele,²⁴ pode ser incluído na categoria da vida autónoma, a infância.²⁵

O nascimento de filhos é uma alegria e orgulho para os pais e para toda a família.²⁶ Na tradição angolana, não é preciso ensinar à mãe a importância de dar de mamar. Amamentar é um prazer e alegria para uma mãe; um dever de gerar e sustentar a vida. Desde que haja saúde – da parte da mãe – e não falta de leite ou haja gravidez, a amamentação pode se estender por mais de dois anos. Uma criança do sexo masculino, por exemplo, pode ir ao pasto de gado e ao regressar à casa ordena à mãe a sentar-se para ele mamar. Isto significa que ele tem em torno de três anos de idade.

Ter muitos filhos foi, e ainda é, ambição de muitos angolanos e angolanas. Como consequência, ter muitos filhos levanta a preocupação principal pelo sustento. No passado, não se pensava muito em vestuário, educação e saúde. Bastava a alimentação que os pais, coadjuvados por um sem número de filhos, netos e sobrinhos, podiam produzir nas lavras de cereais e mandiocas. O resto seria a consequência da alimentação. No passado, era muito raro a mortalidade infantil. Faltava hospitais, mas também não havia tantas infecções como na actualidade. A malária tratava-se com simples “cristel e suador com ervas”. Em algumas regiões do país, por exemplo, no sul a alimentação é pilão de milho e massango que é pesado no estômago da criança a ponto de lhe provocar prisão de ventre “ou sacrificar a criança na hora de evacuar”.²⁷ Para se resolver este problema – dependendo dos cuidados de cada mãe, como no Cunene, praticava-se a lavagem intestinal da criança através da introdução de água morna pelo ânus com um caniço. Esta era uma tarefa exclusiva das mulheres. E as crianças só aceitavam-na até no máximo sete anos.

²⁴ Refere-se ao feto.

²⁵ Devo admitir a minha limitação ao conhecimento ocidental quanto a esta matéria. No entanto, na África, casos há que uma pessoa que tire a vida de uma mulher grávida, incorre em uma pena de ter dizimado duas vidas. Portanto, duas pessoas.

²⁶ Família aqui não deve ser entendida no sentido ocidental. Tem-se, aqui, em mente uma família extensa, que inclui de uma até duas gerações, que vivem no mesmo espaço mas não sob o mesmo tecto.

²⁷ NETO, 1963, p. 54.

1.1.3.2 A adolescência

A adolescência é a idade da tomada de consciência, em que os meninos e meninas começam a cuidar de si mesmos/mas, e tratar-se com orientação e acompanhamento dos adultos.

Na adolescência, os rapazes guardam ou seguem o gado bovino ao pasto. As miúdas assistem as mães nos trabalhos da casa.

Segundo observa Neto, “as crianças integram-se desta maneira, no meio, e a sua vida identifica-se oficialmente com a dos pais por meio do exemplo e da persuasão”.²⁸ É a este respeito que Monteiro ressalta: “as filhas, essas sempre estiveram na dependência da mãe e dos parentes maternos”.²⁹

A título de comparação, partamos do que conhecemos: hoje, quando uma criança acorda sabe que vai à escola, tem prova, está de férias escolares, tem um curso profissionalizante, para além daquilo que pode e deve, naturalmente, fazer junto com seus pais e irmãos/ãs em casa.

Um pouco antes e no início da nossa geração, anos 60 do século XX, havia poucas escolas. Por motivos políticos, era proibido escutar rádio. Não existia televisão nas aldeias. Não havia rádio-cassete, vídeo, CD's, DVD, cinema, etc., atrações que a actualidade oferece.

Era outro mundo. Mundo solidário. Tudo dependia de pessoa para pessoa. O convívio era ouvir a narração de histórias orais em lugares de concentração como o “onjango” (*espécie de salão*) onde as famílias se reuniam para conversar, organizar a vida colectiva e dar ou receber instruções verbais, úteis para o convívio na comunidade e para a sobrevivência.

Para evitar gravidez precoce, havia um distanciamento – como princípio estabelecido pela sociedade – entre adolescentes de diferentes sexos: os meninos tinham seus afazeres mais fora de casa – para além do acompanhamento de gado acima referenciado – praticando a caça, pesca, recolha de mel e confecção da casa, cortando árvores e cerrar a cerca da lavra. As meninas paravam dentro da casa e ou na lavra com a mãe. A menina sempre serviu ao menino que não era permitido cozinhar, muito menos observar o que tem na panela. Entre os Ambós, por exemplo,

²⁸ NETO, 1963, p. 55.

²⁹ MONTEIRO, 1994, p. 119.

o convívio entre adolescentes de sexos diferentes era ralo. Podia-se destacar “festas onde rapazes e raparigas se divertem e travam conhecimento que podem facilitar a conquista para o namoro”.³⁰

O namoro, na tradição africana, não podia ocorrer na faixa etária desta abordagem, pois era cedo ainda. No entanto, para a actualidade é tarde, porque começa-se a namorar muito cedo. É importante trazer à superfície estes elementos históricos e socioculturais de nosso povo, a fim de subsidiarem a vida do adolescente hoje. Jovens de diferentes sexos podiam passar a noite juntos no mesmo quarto e na mesma cama sem se envolverem sexualmente. Por quê? Porque havia medo de engravidamento. O engravidamento antes da festa da nubilidade era punido com a pena de morte, pois representava uma grande vergonha à família e transgressão dos princípios culturais. Por isso, ambos, rapaz e menina, podiam ser mortos enforcados ou atirados na água dum rio amarrados com uma pedra, grande, ao pescoço.³¹

Era horrível. Terrível mesmo! O objectivo, e a moral, disso era ensinar à sociedade que engravidar é coisa de que se dá autorização pela maturidade do sujeito que passou pela festa da nubilidade. Para além de engravidar antes da festa da nubilidade significar violação às regras de conduta social, indica, por outro lado, que relações sexuais são exclusivas para os “adultos”.³² Não se tinha o conceito de pecado, que mais tarde vai surgir com a Igreja.

Para além do que apontamos, em relação à ocupação do infanto-juvenil, vale lembrar algo mais, paralelamente a esta faixa etária.

Dependendo de lugar para lugar em Angola, as cerimónias de iniciação foram – e ainda são - muito importantes.

Em relação às meninas, já mencionamos a festa da nubilidade que no Sudoeste e Sul de Angola é chamado de *efiko*, *olufuko* ou *efundula*. Esta festa tem a duração de 5 dias, entre os ambós ou mais, dependendo dos recursos do realizador

³⁰ NETO, 1963, p. 55.

³¹ A pedra ao pescoço é para aumentar o peso de afundamento e eliminar a possibilidade de sobrevivência do jovem e da jovem.

³² Coloco entre aspas este termo porque, a partir dos 10 anos, uma menina pode realizar a festa de nubilidade e, depois disso, se engravidar não é cobrada a transgressão.

para prolongar, ou não. Depois desta cerimónia, a menina está pronta³³ para ser mãe. Na mesma cerimónia, recebe instruções de responsabilidade e passar responsabilidade. A festa de nubildade tem de acontecer a qualquer altura na vida da criança. Algumas que ainda não têm, na verdade, maturidade de cuidar um bebé quando saem desta cerimónia são atiradas à comunidade com recomendações de como lidar com um homem. No fundo – dizendo de outra forma o que afirmamos atrás - acontece gravidez precoce em termos de idade, depois da festa da nubildade. Pois não existe idade limite para a realização da mesma. É realizada para meninas com idade a partir de 10 a 20 anos. Actualmente, para aqueles pais que estão ligados à esta prática, é muito ralo esperarem até 20 anos. Sendo assim, a idade vulgar para a realização da nubildade é de 12 aos 16 anos. Estas crianças, a maioria delas, são oriundas das famílias de baixa renda. E a consequência é a que se segue.

A maioria das mulheres de baixa renda gera tantos filhos, quanto podem. Elas são valorizadas pelo homem e estimadas pelas outras quando fazem muitos filhos. De outra forma são passíveis de nomes ofensivos e depressivos. Não são poucas as mulheres com idade fértil que sofrem perguntas do tipo: “O que fazes”? Significa: se és mulher por que não fazes filho que é seu dever? Mulher é para gerar filhos! Mulheres que não concebem correm o risco de serem desprezadas pelos familiares e divorciadas pelos maridos. Muitas delas são expulsas das casas! Você se coloca no lugar delas e sente como dói ser tratada assim. Às vezes, são por motivo da condição que, eventualmente, tenha recebido do Criador.

A dor da impossibilidade de conceber, e de sofrer pelo desprezo na falta de ter filhos, pode ser vivenciada em Ana, mulher de Elcana³⁴ na tradição bíblica. Ana levou a mesma dor diante de Deus em oração. Sara, por seu turno, teve que oferecer sua criada a seu esposo para lhe gerar um filho.³⁵ Estes exemplos bíblicos mostram o quanto a consciência do Antigo Testamento está intimamente ligada à africana.

³³ O termo mesmo não é “estar pronta” mas, é entregue. Depois da nubildade a menina é entregue pelas mestres da cerimónia, á procriação. Ela pode se envolver com homem solteiro ou “casado”. Tememos que na actualidade, devido a existência de doenças de transmissão sexual muitas adolescentes estão/serão infectadas por motivo dessa prática.

³⁴ Cf. I Samuel 1.9-16.

³⁵ Cf. Génesis 16.1-5.

O agravante ainda é quando uma mulher, depois da nubildade não concebe, e passa a receber nomes depressivos. Por exemplo, ser insultada com palavras como: “tu não presta”!

Os rapazes, em muitas culturas angolanas, são submetidos à circuncisão que é o único rito de passagem orientado para eles. No entanto, com o passar do tempo, esse rito, entre alguns povos, os ambós por exemplo, começou a perder vigor. Não se sabe exactamente porque caiu em desuso. Alguns dos factos devem ser as infecções que daí resultavam, segundo observa Raul Ruiz de Asúa Altuna. Devido à utilização de instrumentos rudimentares na circuncisão, “muitos costumam ficar defeituosos e a ausência de assepsia acarreta graves infecções que causam, por vezes, a morte”.³⁶

Diante de argumentos sobre sacrifícios com base nas descobertas de Altuna, temos a dizer que um dos motivos que levam os adolescentes à circuncisão é a autoafirmação. Não é fácil ser infligido a um corte a sangue frio. Na actualidade, adolescentes procuram pela circuncisão, o que confirma a tese da auto-afirmação. No passado, bem podia significar um rito sacrificial³⁷ ou princípio da adoração³⁸ de valores educativos tradicionais.

Em relação às meninas, os ritos de iniciação têm uma função de anunciação de maturidade e inserção na sociedade adulta. Tempo ou idade limiar para a procriação. Para os rapazes, é momento da afirmação, iniciação à virilidade.

Na verdade a circuncisão motiva o começo da iniciação. Intenta – é sua óbvia finalidade – preparar os homens para as funções fisiológicas da paternidade, determina a especificidade sexual do jovem e mantém uma relação directa com o casamento.³⁹

Antes de terminarmos este ponto, devemos dizer que os ritos de iniciação têm por finalidade a transformação social, política e religiosamente do adolescente. “A criança deixa definitiva e irremediavelmente a infância para passar à plenitude de homem ou mulher. Com estes ritos a criança deixa – às vezes antes do tempo – definitivamente a adolescência. Tal facto nos conduz ao seguinte questionamento:

³⁶ ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *A Cultura Tradicional Banto*. 2. ed. Luanda: Secretaria Arquidiocesana de Pastoral, 1993. p. 281.

³⁷ ALTUNA, 1993, p. 281.

³⁸ Conforme abordagens do ponto 1.2.1.

³⁹ ALTUNA, 1993, p. 282.

Quando começa e termina a adolescência na concepção africana? Não está claro e não se diz quando. Os ritos de iniciação, também, não são realizados a partir de uma idade fixa. Depende das condições económicas dos pais. Assim os ritos são técnicas que determinam as fases sócias e o enquadramento do e da adolescente.

As ocupações do infanto-juvenil na perspectiva angolana no contexto anterior e no início da nossa geração, foram restritas à actividade intra-familiar. Porém ainda esta situação salta vivo aos nossos olhos. Há muito que se fazer em relação à educação escolar. Igreja e Estado têm esta responsabilidade. O analfabetismo ocupa a mente de muitas angolanas e muitos angolanos em pleno século XXI.

1.2 A implantação da Igreja em Angola e o processo educativo do infanto-juvenil

Em 1482, chegou à foz do rio Zaire, Diogo Cão. O que habitualmente se chama a descoberta de Angola. A própria ocupação de Angola por Portugal ocorre em 1484.

Em 1880 havia apenas um total de vinte e sete escolas em Angola sendo todas elas sustentadas pelo Governo português nos centros administrativos [...] Estas escolas encontravam-se espalhadas pela parte ocidental de Angola [...] As estatísticas não nos dão qualquer dado sobre a composição racial dos 587 estudantes mas uma vez que todas as escolas funcionavam nos centros administrativos portugueses, podemos deduzir que, quer fossem brancos, mestiços ou pretos, todos os alunos faziam parte da comunidade portuguesa e eram capazes de estudar em português.⁴⁰

Passava-se 396 anos depois da ocupação de Portugal em Angola. Até esta altura só havia estabelecido vinte e sete escolas no país. A escola era, no entanto, coisa da cidade. O método do estado português de plantar escolas nas cidades era, em parte, praticado pela Igreja.

Em relação à Igreja Católica, seu objectivo educativo estava inclinado à formação do clero para melhor evangelizar. No entanto, desde o princípio teve insucessos e, com isso, teve que enveredar pela educação escolar dos menores. Durante dez anos, o Seminário de Luanda fora transformado em Liceu governativo,

⁴⁰ HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola*. Lisboa: Além-Mar, 1990. p. 161.

passando a leccionar a instrução primária para crianças de famílias pobres e famílias com outros problemas.⁴¹

No princípio, as sociedades missionárias protestantes, por sua vez, não tinham plano de formação de obreiros, muito menos educativo das crianças. Para estes, o envolvimento com a educação surgiu do convívio directo com os nativos que os serviam como assistentes domésticos, por um lado. Por outro, o trabalho evangelístico os empurrou até ali. Acontece, também, que para alguns missionários protestantes, “a educação não tinha nenhuma utilidade prática para o povo”.⁴² É delicada esta afirmação do missionário Sanders. Do jeito que está, pode ser enquadrada na perspectiva do governante Otto von Bismarck, que dizia “o missionário e o negociante devem preceder o militar”⁴³ (tradução nossa). Com razão, a mesma afirmação está enquadrada no contexto em que Igreja e Estado se entrelaçavam. Naquela época, entre Igreja e Estado na Europa não havia nítida separação: “era difícil distinguir entre elementos e actividade políticos, culturais e religiosas já que todos se fundiam”.⁴⁴ Diz-se aqui que o missionário e o comerciante passavam em frente para mobilizar o povo e o militar chegava mais tarde para ocupar a terra.

Dois anos depois, Sanders veio a reconhecer que os rapazes que andavam na escola eram facilmente evangelizados em relação àqueles que não andavam na escola. Aqui fica claro que o objectivo primordial da missão protestante era a conversão. Logo, Sanders entendia que não era necessário perder tempo ensinando outras coisas a não ser a conversão dos pagãos. Por isso, ‘a escola não tinha utilidade prática para o povo’. Observando que as crianças que estudavam se convertiam, o missionário viu na escola um meio importante para a evangelização. Na verdade, neste momento as duas coisas, conversão e formação, actuam. É tão importante olhar para ambos os valores – espirituais e intelectuais – que a Igreja, em sua actuação, pode e é capaz de oferecer.

⁴¹ HENDERSON, 1990, p. 184.

⁴² SANDERS apud HENDERSON, 1990, p. 161

⁴³ BISMARCK apud NAMBALA, Shekutaamba Vaino yaShekutaamba Vaino. *Hamblelela Nyokokulu. Ondjokonona ya ELCIN*. Ondangwa: Eloc Printing Press. 1996. p. 119. *Omutumwa nomulandithi oye na okutetekela omukuita*.

⁴⁴ BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudança de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 335.

Segundo Henderson, “se nos guiarmos pelos padrões actuais as primeiras escolas a funcionarem nas missões em Angola quase não merecem as designações de «escolas»”.⁴⁵ Evidentemente não havia ainda escolas organizadas estruturalmente.

As crianças que tiveram a sorte de começar a aprender a ler e a escrever eram aquelas que serviam de assistentes de missionários em suas casas e lavras. Ajudados pelos meninos e meninas, provavelmente também por homens e mulheres adultos angolanos nas tarefas gerais de casa e campo, os missionários ofereciam como recompensa o ensino de leitura e escrita, além da doutrina cristã. Tais actividades lectivas aconteciam nas estações de missionários – que com andar do tempo vieram a ser chamados de missão. Antes disso, em nenhum lugar podemos ver que houve turmas organizadas de estudantes. Mais tarde, segundo o seguinte depoimento de Henderson, citando um relatório das missões no Centro de Angola, entendemos que formaram-se turmas onde se destacavam alguns alunos:

As escolas da estação são na realidade um ramo da obra de evangelização, tendo como único objectivo «atrair» as crianças e ensinar-lhes as verdades do Evangelho e preparar os que já possuíam conhecimentos da vida cristã para darem a conhecer o Evangelho aos outros. É apenas por comodidade de termos que o nosso trabalho de ensinar a ler e escrever pode ser designado «escola».⁴⁶

A Igreja em Angola, em seu início, tanto a protestante quanto a Católica, tinha o único objectivo: a conversão dos pagãos. Enquanto os missionários protestantes trabalhavam directamente com as crianças nativas, os católicos formavam os nativos para servirem de evangelistas.

A formação sacerdotal na Igreja Católica tinha as seguintes regras hierarquizadas para preparar e instruir os religiosos:

- a) Durante as férias, ser submisso às ordens e determinações do padre superior da missão católica donde cada aluno veio;
- b) Cultivar a religião através da oração, da meditação, da leitura da vida dos santos;
- c) Confessar-se ao menos uma vez por semana ou tantas vezes quantas o aluno sentisse que caiu em pecado moral.⁴⁷

⁴⁵ HENDERSON, 1990, p.164.

⁴⁶ HENDERSON, 1990, p. 165.

⁴⁷ HENDERSON, 1990, p. 186.

As diferenças denominacionais em termos educativos – na implantação da Igreja em Angola – consiste no facto de que os católicos formavam líderes enquanto os protestantes formavam leigos e leigas para dirigirem as comunidades.

À medida que o tempo ia passando, e as necessidades para a evangelização o exigiam, as missões protestantes tiveram que tomar iniciativas de educação e formação de crianças e jovens para auxiliar os missionários nas áreas industriais, educativas, médicas e evangelização.

O passo decisivo teve que ser tomado: o da organização de institutos ou escolas de educação. “Um dos primeiros institutos protestantes para leccionar, português, história, geografia, ciências e matemática, foi aberto, no Cachivungo província do Huambo, em Outubro de 1914. Todos os anos estudava-se a Bíblia”.⁴⁸

Este instituto que funcionava em regime de internato somente para rapazes, deu um grande contributo na educação das crianças angolanas. Dele vão sair catequistas, professores, agrónomos e enfermeiros.

Como não havia recursos suficientes para sustentabilidade da instituição bem como para o sustento dos estudantes, as próprias crianças trabalhavam em hortas pertencentes ao Instituto para se sustentarem e contribuir para a sustentabilidade do Instituto. O nome do instituto era *Instituto Currie* em memória ao seu fundador Walter Currie.⁴⁹

Como o Instituto Currie fora concebido especialmente para rapazes, em 1916 fundou-se a *Escola Means* na mesma região do Huambo, desta vez, vocacionada para a formação feminina.⁵⁰

A partir do empenho das missões protestantes no centro de Angola, nomeadamente, na actual província do Huambo, constata-se que as missões protestantes, depois de um início de trabalho de evangelização orientado exclusivamente para a conversão chegam ao momento de olhar para educação escolar. Meninos e meninas angolanas passaram a frequentar escolas para que elas mesmas passassem a assumir o discurso de seu futuro e do crescimento da Igreja. Como resultado deste trabalho, muitas crianças que estudaram nas escolas, referenciadas e outras das missões, vieram tornar-se grandes profissionais e

⁴⁸ HENDERSON, 1990, p. 167.

⁴⁹ HENDERSON, 1990, p. 167.

⁵⁰ HENDERSON, 1990, p. 168.

dirigentes do país. Observa-se, assim, que neste momento a Igreja passa a exercer directamente a actividade lectiva ao lado da evangelização o que é muito bom.

Porém, um observador atento descobre que é uma actividade desenvolvida “fora da legalidade”. Um trabalho não autorizado pela lei do governo português. Porém, merece louvor este testemunho, porque gerou filhos e filhas de Angola que viriam a ser expoentes da libertação nacional. Henderson observa que só depois de muitas investidas e bons resultados acolhidos nos cursos de agricultura do instituto Currie é que “o Governo decidiu fornecer ao instituto novas variedades de sementes, ficando a cargo daquela instituição a sua distribuição pelas populações da região”.⁵¹

Imagine-se o que seria de Angola hoje se não ocorresse essa educação à margem das pretensões coloniais. O governo português se opunha a oferecer uma formação adequada aos nativos. As escolas do governo se localizavam em centros administrativos. Isto para permitir poucas pessoas ao estudo e, ao mesmo tempo, permitir controlá-los. O controle era necessário para estabelecer o poder e dominar melhor. Quem se mostrasse contrário, no seio dos que eram formados nestas escolas do governo, era severamente perseguido, quando não desaparecesse. Não era permitido, na era colonial, o ingresso na escola à alguém que tinha mais de 14 anos de idade.

Para a faixa etária dos 0-14 anos de idade, dentro do programa educativo do governo português, era oferecido a “Instrução Rudimentar”.⁵²

O princípio da Educação Rudimentar, tal como fora concebido pelas autoridades competentes em matéria de ensino, era: contribuir para elevar o nível das populações nativas através do primeiro grau de instrução, relativamente às realidades da vida das gentes subdesenvolvidas, sem os alienar das suas classes, das suas hierarquias tradicionais ou dos trabalhos do campo.⁵³

Ao lado da política de instrução rudimentar, vamos encontrar “escolas de elite para raparigas brancas nos principais centros urbanos”.⁵⁴

⁵¹ HENDERSON, 1990, p.168.

⁵² Se perguntássem o que é instrução rudimentar, responderíamos assim: um esboço qualquer de ensino. Primeiras noções. Conhecimentos gerais superficiais ou elementares. Órgão que não se desenvolveu com perfeição.

⁵³ HENDERSON, 1990, p.173.

⁵⁴ HENDERSON, 1990, p.177.

Acompanhando atentamente o trabalho de Henderson sobre a educação escolar, vamos descobrir que em parte as autoridades do governo português, em Portugal, queriam realmente oferecer educação escolar adequada aos nativos angolanos. Os obstáculos se encontravam no próprio terreno, nos responsáveis da administração portuguesa em Angola. Uma comissão inspectora de educação que vinha de Portugal faz uma crítica construtiva à uma ordem religiosa em Angola:

No entanto, é forçoso dizê-lo, irmãs e alunas vivem a uma distância psicológica considerável da população indígena que constitui hoje aproximadamente três quartos da população total da cidade de Luanda, verificando-se, de resto, que a Missão de S. Paulo e o Colégio de S. José, dirigidos pelas irmãs de Cluny e separados por escassos quilómetros, não são propriamente vasos comunicantes.⁵⁵

Esta comissão revela um espírito e sentimentos diferentes em relação ao programa educativo português para Angola. De onde fora elaborado o estatuto sobre a instrução rudimentar do primeiro grau para os angolanos? Em Portugal ou em Angola? Observando a abordagem desta comissão, ela dá a entender que algumas orientações relevantes dadas pelas metrópoles para o bem das colónias eram arquivadas pelas autoridades locais.

Enquanto os portugueses negavam oferecer a educação aos angolanos, sob o ponto de vista tradicional angolano vamos encontrar princípios culturais que prejudicam a evolução das crianças.

1.2.1 A criança e a educação tradicional, sob o princípio da “adoração” de valores culturais

Temos em mente duas ideias sobre adoração neste ponto:

- a) Adoração como culto prestado à Deus;
- b) Adoração como veneração de princípios e valores da tradição cultural educativa angolana.

A linha (b) é a que se encontra em evidência nesta reflexão. Achamos que a valorização exacerbada dos princípios educativos tradicionais tornaram-se uma “adoração” e, conseqüentemente, um impedimento para o desenvolvimento das crianças e sociedade africana. As crianças precisam ser enviadas à escola, em vez

⁵⁵ HENDERSON, 1990, p. 178.

de estar em casa na companhia dos mais velhos, retendo verticalmente os valores tradicionais.

O Dr. Martinho Lutero, no século XVI, advertia as pessoas da Alemanha que refutavam enviar as crianças à escola: “‘pois é’, dizem eles, ‘que haverão de estudar se não podem tornar-se padres, monges e freiras? Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se’”.⁵⁶ Antes da Reforma da Igreja cristã, a educação escolar das crianças tinha como uma das metas principais a formação dos obreiros da Igreja. Lutero considerava isso como sendo imbecil na vida das crianças e da sociedade. Se a educação visava a formação dos obreiros da Igreja, evidentemente, o objectivo era a adoração.

Vale mostrar, por outro lado, que a educação como forma de instruir, deve ser valorizada, de princípio, pela formação e transformação do carácter do indivíduo para o bem da sociedade, e não, apenas, quando observa e preserva valores e princípios culturais e tradicionais. O que frequentemente ocorre na tradição africana, principalmente nas sociedades primitivas. Neste caso, a educação fica como que sob princípios dominadores. Refiro-me à educação sob princípio de “adoração”, isto é, a educação que adota princípios tradicionais e não aquela que as aperfeiçoa e transforma. A preferência pela educação escolar é, exactamente, para aperfeiçoar traços culturais e hábitos inconsistentes com a realidade que se vive em cada época.

Com a Reforma da Igreja, na Alemanha, algumas pessoas pensavam que o estado clerical já não tem mais chance e, também, não interessa o ensino porque nada mais se fará neste sentido.⁵⁷ Quem é o clero? É o conjunto de obreiros bem formados que, às vezes, como foi no tempo de Lutero, não serviam aos verdadeiros interesses do propósito do Reino de Deus, senão servir-se da palavra encobrindo-a com hermenêuticas interesseiríssimas como aconteceu naquele tempo, com a venda de indulgências que provocou a Reforma e a Contra-Reforma.⁵⁸ O reformador chega mesmo a rematar que depois de Satanás ver desvendado as suas armadilhas

⁵⁶ LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, p.303.

⁵⁷ LUTERO, 1995. p. 304.

⁵⁸ Esta sustentação não nega a necessidade da formação de Obreiros. Censura-se os objectivos e alvos.

“pela palavra de Deus toma outro partido e quer que não se estude mais nada”.⁵⁹ Satanás não só diverge com coisas espirituais. Ele é contra, também, a formação acadêmica. Ele é inimigo do bem.

Embora estivesse a referir-se sobre outra situação, não sobre formação de obreiros, Lutero nota que a educação geral das crianças é muito importante para a sociedade:

Uma comunidade e, em especial uma cidade como esta precisa ainda de outras pessoas além de comerciantes, pessoas que saibam mais do que calcular e ler livros em alemão. Os livros alemães foram feitos precipuamente para o homem simples ler em casa. No entanto para pregar, governar e administrar a justiça, tanto no estado clerical ou secular, não basta sequer, todas as ciências e línguas do mundo, sobretudo nos tempos modernos, quando é preciso falar com mais pessoas do que com vizinho João. Esses idólatras, porém, não pensam no governo, nem percebem que, se não existisse a pregação e o governo, não poderia servir a seu ídolo por uma hora sequer.⁶⁰

Portanto, a educação geral escolar para as crianças é muito necessária. Por isso, falar da educação como veneração dos princípios tradicionais refere-se em agarrar-se a valores culturais que não evoluem. Permitir e deixar prevalecer princípios como “o jovem não tem nada a acrescentar na opinião do mais velho” não favorece a cem por cento a verdade. Os jovens e crianças têm o mesmo valor humano e epistemológico iguais aos dos mais velhos. Em certos ciclos de Angola, encontram-se mais velhos que, ao tomarem refeições com as crianças, comem todo conduto, deixando a criança alimentar-se do pilão simples sem a carne. Considera-se isso uma boa educação para as crianças! Não é isso um atentado à saúde da criança? É! Evidentemente.

Essas coisas não vão passar por si só. Deve haver censura contra elas na sociedade e no ensino às novas gerações. E a consciência e a coragem de censurá-las está faltando no seio das populações de baixo nível acadêmico. Só a educação escolar poderá transformar essa mentalidade. Princípios tradicionais e culturais não devem ser adorados, mas reflectidos e melhorados para o bem da sociedade. O princípio de adoração e/ou estar agarrado aos valores hierárquicos não só são tradição africana. A colonização também impôs os mesmos valores.

⁵⁹ LUTERO, 1995, p. 304.

⁶⁰ LUTERO, 1995, p. 328.

Para além de preservar e adorar os valores da própria cultura, os angolanos estão, de alguma forma, adorando práticas que lhes humilharam durante a colonização. Continuando assim a colonizar-se a si mesmo. É preciso libertar o homem actual da educação sob o princípio da adoração de valores que não correspondem à realidade dos tempos modernos.

Quando estou fazendo este trabalho, minha mente está acesa para as crianças e adolescentes do campo. Crianças que estão sob controlo do analfabetismo. Não é conveniente, nem é salutar para uma nação, a população abandonar suas áreas de origem e concentrar-se nas cidades. Isso é, em primeiro lugar, desvalorizar nossa rica terra e uma opção por desprezá-la. Em segundo, é preservar o subdesenvolvimento no meio rural. Pensando nessa realidade marcante e que precisa de acções concretas e imediatas, nosso sentimento deve favorecer a ideia do Dr. Martinho Lutero: levantar recursos para formação para “a pobre juventude necessitada, sustentando um ou dois homens [uma ou duas mulheres] competentes como professores”.⁶¹ Enquanto, nesta ordem de ideia, Lutero fala das necessidades do seu contexto, nós aproveitamos sua sugestão e mensagem para nossa realidade. Alguma coisa deve ser feita. E bem-feita. A competência, a autonomia de fazer as coisas, a responsabilidade pessoal e colectiva, o espírito de iniciativa e criatividade, entre outras virtudes e valores, são princípios que são necessários cultivar no seio das populações de Angola. Para o efeito, uma pergunta desafiadora e de compromisso com a sociedade em relação à criança fica no ar: “Qual é o projecto da vida, quais os valores, qual o futuro que como herança passamos a nossos filhos e filhas”?⁶² Deixamo-lhes valores e princípios tradicionais? Em termos de orientação sim, mas nunca como uma lei imutável.

A Igreja deve combinar as duas forças transformadoras, a evangelização e a educação, para ajudar as crianças. A nossa geração deve transmitir à “juventude que cresce no conhecimento de Deus e que divulga a palavra de Deus e ensina a outros”.⁶³ Uma das práticas que revolucionaram a sociedade a partir da Igreja medieval foi a catequese. Esta forma de instrução cristã, praticamente na confissão luterana, estendeu-se com a Missão pela Angola. Como se processou e qual é o seu valor? É o que veremos no capítulo dois desta pesquisa.

⁶¹ LUTERO, 1995, p. 305.

⁶² BRAKEMEIER, Gottfried. *Por paz e Justiça*. São Leopoldo: Johannes F. Hasenack, 1997. p. 60.

⁶³ LUTERO, 1995, p. 305.

2 A MISSÃO EVANGÉLICA LUTERANA EM ANGOLA: SUA VISÃO EVANGELÍSTICA E EDUCATIVA

A Missão Evangélica Luterana em Angola foi o processo de evangelização desenvolvido pelas missões alemãs, finlandesas e de missionários itinerantes nativos. É a partir deste trabalho missionário que surgiu a Igreja Evangélica Luterana de Angola - IELA.

2.1 A tradição luterana e a Catequese

A Igreja Evangélica Luterana de Angola é produto de um processo longo da Missão de Deus no espaço geofísico de Angola. O método utilizado pelos catequistas e pastores para anunciar o evangelho e prender nos corações das pessoas a palavra de Deus, desde 1871,⁶⁴ foi a catequese.

2.1.1 O que é a catequese?

A Catequese é a instrução, ou seja, o processo pedagógico da educação da Igreja cristã baseado nos princípios e convicções teológicas de uma determinada confissão religiosa ou denominação.

Na Igreja Evangélica Luterana de Angola, a catequese é baseada nas duas obras do Dr. Martinho Lutero, *O Catecismo Menor* e *O Catecismo Maior*,⁶⁵ escritas em 1525, fundamentados na Bíblia Sagrada. A catequese mesmo é o doutrinamento cristão, cuja fonte principal é a Bíblia, a palavra de Deus. Sem a Bíblia não há catequese.

Diferente da evangelização, que busca a conversão, às vezes emocional, das pessoas a Jesus Cristo, a Catequese busca fortalecer a doutrina de uma determinada confessionalidade na vida dos fiéis. Enquanto a evangelização acontece em curtas sessões, com métodos que vão desde pregação em massa a uma abordagem por meio de diálogo ou folheto na rua, a catequese acontece por meio de lições metodologicamente elaboradas e pedagogicamente leccionadas em sala de aula ou a partir do púlpito pela prédica.

⁶⁴ NDEUTAPO, Noé. *Onakudiwa ya IELA 1871-2000: Historia da Igreja Evangélica Luterana de Angola*. Windhoek: Gamsberg Macmillan Publishers, 2005. p. 22.

⁶⁵ LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 177.

A catequese não tem idade. Crianças e adultos podem ser catequizados. Lutero se preocupou com isso ao constatar a falta de conhecimentos cristãos nas comunidades cristãs de seu tempo:

Meu Deus quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. Não obstante todos pretendem o nome de cristãos, estão batizados e fazem uso dos santos sacramentos. Não sabem nem o Pai-nosso, nem o Credo, nem os Dez Mandamentos. Vão vivendo como os brutos e os irracionais suínos. E agora que veio o evangelho, é que aprenderam bem a abusar magistralmente de toda a liberdade.⁶⁶

É deveras conhecido e tem se falado da catequese em relação aos membros das comunidades do nível baixo. No dizer de Lutero, transparece a necessidade da formação catequética de pastores para melhor assumirem as actividades de ensino nas comunidades que dirigem. Existiam “escritos catequéticos destinados aos sacerdotes e aos leigos adultos”⁶⁷ naquele tempo.

Lutero e os partidários do movimento evangélico estavam intimamente convencidos da necessidade de valorizar a catequese. Não havia de se contentar com o rito, era preciso explicá-lo. Convinha trabalhar em favor de uma fé consciente e ocupar-se muito particularmente da juventude.⁶⁸

Interessante, em relação às actividades de catequese na Igreja da Reforma, é ver como se preocupavam dedicadamente com esta tarefa de instrução. A catequese fora programada para diferentes níveis na Igreja.

O Catecismo Menor fora publicado para o uso dos pastores e dos pregadores pouco instruídos. O Catecismo Maior destinava-se aos chefes de famílias, aos pastores e aos mestres de escola para formá-los em vista de seu ministério de catequese junto às crianças.⁶⁹

O objectivo da catequese na igreja alemã não era meramente moralista, mas, antes de tudo, tinha a finalidade de aprofundar os conhecimentos dos cristãos naquilo em que criam e fazê-los crescer em outras áreas do conhecimento. Para isso, tinha que se criar escolas para um ensino cristão doutrinal e secular.

⁶⁶ LIENHARD, 1998, p. 178.

⁶⁷ LIENHARD, 1998, p. 178.

⁶⁸ LIENHARD, 1998, p. 178.

⁶⁹ LIENHARD, 1998, p. 180.

Medidas foram tomadas nesse sentido desde os primeiros anos do movimento evangélico. Na primavera de 1521 um catequista, João Agrícola, foi nomeado para a Igreja paroquial de Wittenberg para instruir a juventude. Nas escolas reorganizadas segundo as ideias do *Manifesto à nobreza cristã da nação alemã*, a instrução religiosa foi particularmente valorizada.⁷⁰

2.1.2 Como é que se processava o ensino catequético?

“No seu prefácio à missa alemã, Lutero evocava a urgência de um catecismo rudimentar, simples e fácil. Tratar-se-ia de um ensinamento oral, baseado nos Dez Mandamentos, no Credo e no Pai-Nosso”.⁷¹ O reformador chega “a definir o catecismo como a instrução pela qual os pagãos que querem ficar cristãos são ensinados e orientados a respeito do que devem crer, fazer, evitar e saber o cristianismo”.⁷² O ensino oral dos Dez Mandamentos, do Credo e do Pai-Nosso na Igreja Luterana da Alemanha é uma descoberta muito importante desta pesquisa.

Esta descoberta nos enquadra no alvo da nossa pesquisa que pergunta pela forma como a confissão luterana se aproximou ao ensino das crianças em Angola. O ensino oral dos Dez Mandamentos, do Credo e do Pai-Nosso era, e ainda é, a forma como se processa o catecumenato na Igreja Luterana em Angola. Uma forma herdada da Igreja mãe, a Missão alemã. A forma oral do ensino catequético, na IELA, foi, e ainda é, administrada aos adultos e crianças que não sabem ler nem escrever. O valor desta forma do ensino catequético consiste na transmissão dos conhecimentos sobre Deus. Porém, limita o conhecimento dos catecúmenos *do que, porque e como fazer*. Uma pessoa que não sabe ler e escrever não pode interpretar profundamente e aplicar os conceitos e conteúdos de fé. Por conseguinte, uma igreja formada por membros com conhecimentos decorados, “fé sintético-convencional”,⁷³ tem pouca ou nenhuma chance de desenvolver-se e ser protagonista em todos os aspectos da vida.

2.2 A catequese na Igreja Luterana em Angola

O terceiro capítulo do Estatuto da IELA sobre a constituição diz o seguinte: “A Igreja Evangélica Luterana de Angola é constituída pelas congregações fundadas

⁷⁰ LIENHARD, 1998, p. 178

⁷¹ LIENHARD, 1998, p. 179

⁷² LIENHARD, 1998, p. 179.

⁷³ FOWLER, 1992, p. 130.

pelos missionários da ELCIN, missões alemãs, finlandesas, pelos cidadãos nacionais, e fará parte as áreas missionárias por ela fundadas”.⁷⁴

A ordem de colocação de ideias, quanto ao surgimento da IELA, conforme exposta no capítulo citado não é sequencial. Primeiro, foram os missionários alemães, finlandeses e depois é que vieram os namibianos ou nativos. É nesta ordem crescente que vamos expor a catequese luterana em Angola nesta pesquisa.

2.3 A catequese com missionários alemães em Angola

Os reis angolanos ansiavam pelo desenvolvimento de seus povos e reinos. Esta vontade viabilizou a recepção e a instalação dos missionários ocidentais, não só para pregação da mensagem da salvação eterna mas, antes, pela necessidade das novas práticas educativas das crianças nas sociedades dos povos bantu. Fundamenta esta tese as palavras do rei kwanyama, Weyulu, quando disse: “ficar no reino sem missionários é tolíce pois impede o desenvolvimento de tudo”.⁷⁵ O termo “tudo” denota muita coisa: significa vontade de aquisição de: armas, pólvora, medicamentos e tantos outros produtos que vinham do Ocidente. Uma parte do *tudo* que os missionários traziam era a “pregação do evangelho e o ensino”.⁷⁶

Os missionários tinham iniciado a ensinar as pessoas o alfabeto. Também dedicavam-se muito no ensino do Catecismo Menor do Dr. Lutero e passagens bíblicas. O objectivo deles era de fazer as pessoas entenderem o Cristianismo a fim de serem baptizados e confirmados⁷⁷ (tradução nossa).

Lendo nas entrelinhas, é perceptível que os missionários davam aulas do catecismo acompanhadas com alfabetização.⁷⁸ Existem evidências de que as aulas orais eram mais intensas que a alfabetização. Indica nosso autor que “em 1892, o Missionário August Wulfhorst fundou a missão de Omupanda no Reino de Kwanyama e em 1895, baptizou 13 pessoas”.⁷⁹

⁷⁴ Conforme Estatuto da IELA, Cap. III.

⁷⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 48. *Oku kala moshilongo mu he na ovatumua ... ota shi kelele exumokomesho.*

⁷⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 48. *eudifo levangeli nehongo..*

⁷⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 50. *Ovahongi ova li va hovela oku hongwa ovanhu eendada. Ova li yoo va diinina ehongo IOkatikisa kanini kaLuther nimafinamhango omOmbibeli. Elalakano oku udifako ovanhu Oukriste, opo va shashwe v ova kolekwe.*

⁷⁸ Esta é, também, uma descoberta muito importante para esta pesquisa porque este trabalho visa elaborar um projecto educativo.

⁷⁹ NDEUTAPO, 2005, p. 49.

Pode ser que estas pessoas aprenderam a ler e a escrever, mas o certo é que tiveram pouco tempo de instrução, não tendo por isso alcançado a maturidade para uma reflexão acurada da doutrina.

Outro testemunho educativo muito importante sobre a missão luterana é o combate ao tráfico de escravos. “Meisenholl fez muito esforço para ajudar o seu amigo o Rei Weyulu no que diz respeito à venda das pessoas, escravas”⁸⁰ (tradução nossa). A prática da venda de pessoas não era boa aos olhos dos missionários, muito menos para as nações vítimas. Estas vendas não tinham excepção. Crianças e adultos eram vendidos. Era uma prática anti-humana.

Durante o período que se estende de 1871 até 1915, 44 anos, os missionários alemães estabeleceram 4 congregações e baptizaram 1200 pessoas.⁸¹ Os trabalhos dos missionários alemães, da Sociedade Missionária (*Rhenish Missionary Society, RMS*)⁸² chegaram ao fim forçados pela invasão dos portugueses que reivindicavam o território do Cunene, a partir da partilha da Conferência de Berlim 1885, que dividiu a África entre os países europeus.⁸³

Os comerciantes portugueses já eram conhecidos no Sul de Angola.

O jovem Mandume, o último Rei do Kwanyama, conhecia as práticas corruptas⁸⁴ dos comerciantes portugueses. Por isso, ao ser entronizado, Mandume declarou que: “ele não vai receber os portugueses no seu reino porque destruíram-no com bebidas alcoólicas”⁸⁵ (tradução nossa).

Por outro lado, Mandume ordenou que todas as miúdas iniciadas casassem, assim como todas as meninas, cristãs e não cristãs, realizassem a festa de nubilidadade. Esta medida não tinha como não chocar os princípios e valores cristãos. A festa de nubilidadade era, e ainda é, tida pelo cristianismo como contendo práticas supersticiosas. Por isso, o cristianismo a diverge. Obrigar todas as iniciadas cristãs a casar é, para o cristianismo, incitação à poligamia que era normal entre os ambós.

⁸⁰ NDEUTAPO, 2005, p. 51. *Meisenholl okwa kala ta kondjo noku pukulula kaume kaye, ohamba Weyulu kombinga yelandifepo lovanhu ovapika.*

⁸¹ NDAWANAPO, Tomás. *Missão Integral da Igreja Evangélica Luterana de Angola*: documento apresentado na Consultação com os Parceiros. Lubango: 2009, p. 1.

⁸² NDEUTAPO, 2005, p. 17.

⁸³ NDAWANAPO, 2009, p. 2.

⁸⁴ Estes comerciantes vendiam bebidas alcoólicas, armas de fogo e outras mercadorias.

⁸⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 55. *Ye ita tambula vali Ovaputu moshilongo shaye, shashi ove shi nyona po noikoluifa.*

Com a medida do Mandume, os missionários enviavam os jovens para se casarem no Ondonga em Namíbia.⁸⁶

Naquela época, o valor da educação escolar das crianças no novo sistema trazido pelos colonizadores variava de governador para governador em Angola. Principalmente no Sul, onde havia sido implantada a Missão Luterana. O Rei Nande, por exemplo, havia entregue aos Missionários de Omupanda um miúdo, servo dele, para receber a educação escolar com base na formação académica ocidental. Porém, Mandume, quando substituiu Nande, veio perseguir o rapaz até matá-lo⁸⁷ porque este rejeitava deixar de participar nos cultos. Dá a entender que Mandume temia as habilidades daquele menino e por isso matou-o. Não é nitidamente fundamentado na literatura, mas percebe-se que a missão alemã em Angola administrava o ensino da palavra de Deus, do catecismo e da alfabetização. Este empenho educativo e evangelístico levou os missionários alemães e outros⁸⁸ a escreverem a história dos kuanyamas e traduzir a Bíblia nesta língua local.

2.4 A catequese com missionários finlandeses em Angola

O surgimento da Igreja Luterana em Angola tem uma íntima ligação com a missão evangélica luterana finlandesa. Aliás, nas viagens para Angola, os missionários alemães eram assistidos e acompanhados pelos missionários finlandeses. As duas Sociedades Missionárias, da Alemanha e Finlândia, trabalharam juntas para o estabelecimento da Igreja Luterana em Namíbia e em Angola. Tanto é que entre os ambós a missão vai mudar os nomes de pessoas nativas para nomes alemães e finlandeses.⁸⁹

Por isso, não é estranho que esta pesquisa penetre aproximadamente 80 km para dentro da Namíbia. Estamos, mesmo assim, a falar da mesma missão evangélica luterana, em Namíbia e em Angola.

⁸⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 55.

⁸⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 55.

⁸⁸ Naturalmente, outros são missionários finlandeses.

⁸⁹ Nomes como WILHELM, HEIKI, WILKKA, ILMA se tornaram comuns. Era uma mistura de nomes alemães e finlandeses, em Angola e Namíbia, na Igreja Luterana.

Enquanto os missionários no Reino Kwanyama/Angola ensinavam e baptizavam, no Reino de Ondonga/Namíbia,⁹⁰ os missionários esperavam até que as pessoas nativas pedissem o baptismo. “Alguns jovens do sexo masculino de Ondonga os quais tinham servido e estudado na estação missionária, queriam ser preparados para o baptismo no fim de 1870”⁹¹ (tradução nossa).

Tal como aconteceu com a idade das pessoas baptizadas no Reino do Kwanyama, também aqui não se sabe qual era a idade destes jovens, mas uma coisa não se pode duvidar: eles passaram muito tempo na escola dos missionários. As estações missionárias no Ondonga recebiam muitas crianças para formação e educação. Até houve quem sentisse vocação para estabelecer uma escola para educação de crianças. A missionária Ida Weikkolin “queria estabelecer uma casa das crianças no Owambo. Os missionários no Owambo desde princípio deram atenção à população jovem, primeiro aos rapazes [...] também às meninas”⁹² (tradução nossa). Esta senhora não conseguiu realizar seu sonho de construir a referida casa de crianças. Como faziam outros missionários, Ida tinha que receber as crianças em sua própria casa. Muitas casas de missionários encontravam-se cheias de crianças chamadas de “crianças adoptivas”⁹³ (tradução nossa). Elas recebiam dos missionários/as comida e vestuário. “Trabalhavam, participavam nas celebrações sagradas e o mais importante iam à escola”.⁹⁴

O objectivo de adoptar as crianças era proporcionar-lhes uma oportunidade de ouvir a palavra de Deus e ensinar-lhes. Esta era a oportunidade diária que se oferecia àquelas crianças para aprenderem a palavra de Deus e crescerem em outras áreas do conhecimento.

A missionária Ida era casada. Tinha em sua casa 10 meninas para instruir e seu marido, Weikkolin, instruía 6 rapazes.⁹⁵

⁹⁰ Ondonga é uma tribo que geograficamente povoa o norte da Namíbia e uma pequena porção do leste de Angola. No seio deste povo actuou a missão luterana liderada pelos finlandeses.

⁹¹ PELTOLA, Martti. *Nakambale*. Pietermaritzburg: Natal Witness Commercial Printers, 2002. p. 97. *Some young men from Ondonga, who had long been servants and gone to school at mission stations, wished to be prepared for baptism at the end of 1870.*

⁹² PELTOLA, 2002, p. 92. *Wanted to establish a Children's home in Ovamboland [...] The missionaries in Ovamboland from the beginning focused on their attention on young people first in boys [...] also on girls.*

⁹³ PELTOLA, 2002, p. 92. *Foster children.*

⁹⁴ PELTOLA, 2002, p. 92. *And most important, went to school.*

⁹⁵ PELTOLA, 2002, p. 93.

Imagine-se como uma família missionária do século XIX podia alimentar esta multidão de adolescentes? O salário do missionário naquele tempo era muito baixo. Aliás, foi numa época em que os missionários da MELF⁹⁶ (*Missão Evangélica Luterana Finlandesa*) reclamavam pelo aumento de salários e a sociedade não conseguia satisfazê-los, chegando mesmo a libertar os missionários que se sentiam insatisfeitos com a falta de salários. “Aquele que não estiver satisfeito pode sair”.⁹⁷ (tradução nossa). A investida da família Weikkolin de “salvar as crianças da situação marginal da nova comunidade e as coloca no Centro”⁹⁸ (no meio dos adultos) assim como fez Jesus em Marcos 9.26, é, realmente, uma prática de enquadrar socialmente as crianças e uma forma de salvaguardar o futuro da sociedade por meio da formação.

Os missionários que não tinham tantas crianças adoptivas temiam que seus colegas iriam prejudicar-se demais. Para forçar os colegas abdicar do projecto adoptivo de mais crianças, tinham que ameaçá-los com palavras pesadas, do tipo: “uma escola para crianças pequenas não serve os propósitos na terra dos Ambós”⁹⁹ (tradução nossa). São palavras forçadas pela situação de fome, pois mais tarde a direcção da Sociedade Missionária Finlandesa teve que permitir aos missionários no Owambo “praticarem negócios para que os trabalhos deles não sofressem interrupção”¹⁰⁰ (tradução nossa).

A preparação escolar e catequética para os missionários no Ondonga tinha objectivo de preparar bem as pessoas para que, quando fossem baptizadas, se tornassem cristãos exemplares, de tal maneira que dificilmente voltariam às práticas anteriores.

Os jovens precisavam de longo tempo junto aos missionários para aprenderem a ler e a escrever antes do baptismo, mas, mesmo depois de serem baptizados, havia algumas coisas em que precisavam ser acompanhados na vida religiosa. As três coisas principais eram: festa da nubidade, poligamia para os

⁹⁶ Finish Evangelical Lutheran Mission.

⁹⁷ PELTOLA, 2002, p. 95. *He who is not satisfied may leave.*

⁹⁸ MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 324.

⁹⁹ PELTOLA, 2002, p. 93. *such a school for small children did not serve a purpose in Ovamboland.*

¹⁰⁰ PELTOLA, 2002, p. 95. *Asked them to trade to be the best [...] so that their work would not suffer.*

homens, e o uso de bebidas alcoólicas.¹⁰¹ As três são praticamente associadas à vida social e cultural. E por isso são recorrentes. As relações sociais, familiares e culturais incitavam às mesmas práticas recorrentemente. A festa da nubildade, por exemplo, que abordamos anteriormente, é uma festa valorizada culturalmente entre os ambós. As miúdas que se tornavam cristãs não estariam isentas de perseguição dos parentes para realizarem esta que é considerada a “cerimónia sagrada” desses povos.

Uma questão muito relevante que nosso autor levanta, ligada a crenças, e que não se evidenciava na vida das pessoas depois de baptizadas, é relativa às acusações sobre feitiçarias e advinhas. “Convicções pagãs em crenças perigosas como feitiçaria e advinhas não pareciam ser um problema grande para os cristãos, pelo menos os missionários não ouviam falar de tais casos muito frequentemente”¹⁰² (tradução nossa).

Se o ensino do catecismo transformar as convicções de crenças de uma pessoa, ela não se preocupará com feitiçaria.

A falta de educação convincente do catecúmeno com fé em Deus é tão notória hoje no seio dos cristãos em Angola que até as crianças são acusadas de serem feiticeiras. São sacrificadas, postas em cativeiros para expulsão dos demónios.

No tempo de Jesus, as crianças “eram consideradas não-entidades”.¹⁰³ Para mudar a mentalidade orgulhosa dos discípulos, Jesus “recorre a elas como modelos do seu programa social”.¹⁰⁴ Em Angola, hoje as crianças são as vítimas especiais do feitiço. A solução para a superação dessa imaturidade cristã passa necessariamente pelo ensino às pessoas desde tenra idade para que se possa ter no futuro uma comunidade e sociedade de mente sadia. Saber ler e escrever para interpretar, elas próprias, as Sagradas Escrituras, os princípios da Igreja, assim como saber aplicar e debruçar-se sobre as leis da justiça, é fundamental para a evolução de uma nação. Constatamos que só com o catecismo, seguido da escolaridade académica, uma

¹⁰¹ PELTOLA, 2002, p. 101. *Heathen beliefs like the dangerous witchcraft uulodhi and consulting witchdoctors did not seem to be a Great problem to Christians at least the missionaries did not hear about such cases very often.*

¹⁰² PELTOLA, 2002, p. 101.

¹⁰³ MYERS, 1992, p. 316.

¹⁰⁴ MYERS, 1992, p. 316

sociedade poderá dominar completamente os temores da superstição e do subdesenvolvimento.

2.5 A catequese com missionários nativos em Angola

Os itens de pesquisa que se seguem têm poucas referências literárias por falta de livros que abordam os mesmos assuntos. Isso deve-se, naturalmente, à falta de escritores e pesquisadores na Igreja Evangélica Luterana em Angola. A única obra que existe é a do Pastor Emérito Reverendo Noé Ndeutapo. Por isso, os pontos a seguir vão se basear na análise da referida obra, por ser a única e porque ele vai nos fornecer subsídios acurados de como, realmente, a Igreja Evangélica Luterana em Angola, no passado, actuou com as crianças.

2.5.1 A época dos missionários itinerantes

Depois da saída dos missionários luteranos alemães de Angola, os cidadãos e cidadãs angolanas, que haviam se refugiado para Namíbia, passaram a vir para Angola, a fim de evangelizar. Devido ao carácter ambulante de sua actuação entre Namíbia e Angola, damos-lhes o nome de missionários itinerantes. Muitos deles entravam e eram corridos para Namíbia. Outros foram mortos. Muitos jovens do sexo masculino que fugiam dos maus tratos do regime português, em Angola, eram acolhidos pelos missionários alemães e finlandeses em Namíbia. Lá eram baptizados e regressavam para suas aldeias em Angola onde passavam a realizar cultos vespertinos e matutinos em suas casas e nas casas dos vizinhos.

Desde o ponto de vista da habitação cultural tradicional, os angolanos têm, em suas casas, um salão de serrão, onde os mais velhos/as contam anedotas e histórias. Algumas metem o medo porque falam de animais ferozes etc. Isso era importante para conhecimentos gerais das pessoas. Com a chegada do cristianismo, quando os missionários itinerantes passaram a realizar cultos matutinos e vespertinos nas casas, os conteúdos do ensino popular foram substituídos pelo “ensino dos Dez Mandamentos de Deus, bem como por histórias Bíblicas”¹⁰⁵ (tradução nossa). Os jovens, missionários itinerantes ensinavam também hinos. Os hinos que eram ensinados, no passado, pelos missionários alemães. Muitas

¹⁰⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 60. *Ovanhu otava hongwa oipango omulongo ya Kalunga, osho yo omahepaululo amwe om Ombibeli.*

peças mais velhas, “crianças eram numerosas que todos”¹⁰⁶ (tradução nossa) foram alcançados por este reavivamento. Os jovens rapazes, por onde passavam, iam cantando e arrastavam multidões de gente. Constituíam escolas e indicavam certas pessoas confiadas no seio da comunidade para serem professores, pregadores e professores de educação cristã.

Os jovens angolanos que se convertiam ao cristianismo em Namíbia, ao chegarem em Angola, constituíam congregações e formavam turmas de educandos. A constituição de congregações e escolas protestantes não se deu sem forte perseguição do governo português. A perseguição foi ferrenha. Alguns jovens evangélicos luteranos foram brutalmente batidos até à morte pelas autoridades portuguesas em Angola. “Gideão Hamukunya era batido constantemente, o que lhe provocou debilidades físicas até a morte”.¹⁰⁷ A morte de Gideão trouxe medo para muitos outros jovens missionários protestantes. Principalmente, para os que haviam se convertido ao Cristianismo pelo ensino dos missionários alemães e finlandeses.¹⁰⁸ Muitos deles foram forçados a filiar-se na Igreja Católica Romana enquanto outros deixaram de ser cristãos devido à perseguição.

Para combater a missão da Igreja Luterana, por outro lado, os portugueses instalavam escolas da Igreja Católica junto às luteranas e, em seguida, as autoridades eclesiásticas católicas ordenavam ao povo que ninguém fosse para as escolas luteranas. Quem fosse achado indo para lá seria preso e violentamente batido. “Alguns jovens protestantes do sexo masculino foram forçosamente incorporados ao exército português”¹⁰⁹ (tradução nossa).

Durante os estudos de teologia, aprendemos que os imigrantes alemães no Brasil construía uma escola na qual passavam a dar aulas às crianças e, aos domingos, a mesma escola servia de lugar de culto. Encontramos, também, esta prática na Missão Luterana em Angola, desenvolvida pelos missionários itinerantes. O seguinte testemunho confirma isso. “O Senhor Mateus continuou a contar a

¹⁰⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 60. *Ounona ova li vahapu vedule aveshe.*

¹⁰⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 61. *Gideon Hamukunya, okua kala há dengwa kOmuputu no she mu etela oungone fiyo a fya.*

¹⁰⁸ NDEUTAPO, 2005, p. 62.

¹⁰⁹ NDEUTAPO, 2005, p. 63. *Ovamati vamwe vOovaprotestande osho va kwatwa ndele tava tumwa koushalale koSá da Bandeira, shaashi va anyena meitavelo lavo.*

história do templo deles onde davam aulas e a forma como foi destruído pelos adversários nos anos 1933”¹¹⁰ (tradução nossa).

Não obstante, observa-se uma diferença marcante: os imigrantes alemães iniciavam construindo escola, na qual, depois passavam a realizar cultos. Na congregação do Mateus citado, os angolanos construía o templo para o culto e neste passavam a dar aulas de catequese. Não fica bem claro, aqui, se se ensinava a ler e a escrever. O que se pode afirmar com clareza é que o catecismo e as histórias bíblicas eram decorados. “Primeiro reuniam-se embaixo das árvores, depois iniciaram a confeccionar tabernas com ramos de árvores onde fixaram bancos, onde se dava aulas e realizavam cultos em cada domingo”¹¹¹ (tradução nossa).

No entanto, em Ombadja/Angola, a prática escolar era idêntica à dos imigrantes alemães ao Brasil. O lugar de aulas dava lugar ao culto. A educação escolar das crianças era valorizada e priorizada. Porém, o Culto estava no programa. “As aulas têm estado cheias de muitos jovens do sexo masculino, e femininos, as crianças também andavam a vir assistir, mas os mais velhos não eram tantos”¹¹² (tradução nossa).

As mesmas escolas, com o tempo, vieram a transformar-se em congregações. Olhando bem, nas referidas escolas ensinava-se a ler e a escrever. Antes, dava-se aulas de catecismo e educação cristã. As aulas de catecismo e outras davam-se durante a semana num salão/escola feito de ramos de árvores e/ou feito de paus e coberta de capim. Os alunos recebiam aulas de catecismo, a decore, para “o baptismo e confirmação”¹¹³ (tradução nossa). Algumas crianças, filhos e filhas dos crentes, andavam ir a estudar, ler e escrever nas congregações evangélica luteranas de Namíbia. “No Okalonga tinha a professora, Tulimeke yaJosef Nghidileko, que podia ajudar as crianças a ler, escrever e a contar em

¹¹⁰ NDEUTAPO, 2005, p. 63. *Omushamane Mateus ota tuikile nokuhepaulula ongeleka yavo yomambo omo va kala hava longelemo ofikola, nhumbi ya yanaunua po kovayelani omudo.*

¹¹¹ NDEUTAPO, 2005, p. 64. *Tete ova li hava ongala momidile domiti opo nee va hovela oku ninga oitwambe yavo noku dikila mo oipundi, omo nee vakala hava longele eefikola noku ningila mo omambo moshondaha keshe.*

¹¹² NDEUTAPO, 2005, p. 65. *Meefikola ohamu kala um yadi ovanafikola, ovamati noukadona vahapu, nounona yo ova li have uya oku puilikina, ndele nee ovakulunhu kevahapu.*

¹¹³ NDEUTAPO, 2005, p. 98. *Eeshasho nekoleko.*

línguas maternas”¹¹⁴ (tradução nossa). Acontece, porém, que as autoridades portuguesas, no sul de Angola, não admitiam que se leccionasse em outras línguas a não ser em português. Para fundamentar este dado, Rev. Ndeutapo cita o Decreto n. 77/21, do governo português, de 9 de Dezembro de 1921, que dizia: “no trabalho da igreja não se devia usar, nada nada, nenhuma língua nativa angolana, menos o português”¹¹⁵ (tradução nossa).

Estamos perante um dado muito importantes sobre a educação das crianças na Igreja Evangélica Luterana em seu início em Angola. A educação na Igreja luterana fora proibida pelas autoridades portuguesas por causa das rivalidades políticas com a Alemanha. Portugal queria que tudo a ser leccionado pelas igrejas em Angola, como sua colónia, tinha ele que inspeccionar. Portugal desconfiava de que as instruções em línguas nativas podiam conter conteúdos que contrariassem seus interesses políticos e económicos na região. Por isso, o controle e as exigências sobre a Igreja Luterana eram maiores que para a Igreja Católica Romana no Sul. A matéria para o ensino na Igreja Luterana, como missão naquele tempo, não só vinha da Alemanha, vinha também da Finlândia. Por ser de origem evangélica luterana, também, os escritos dos finlandeses não podiam ser usados ao menos que fossem preliminarmente inspeccionados a partir da tradução para o português. Como afirma Kaplan: “o uso das línguas africanas com propósitos instrutivos era explicitamente rejeitado”¹¹⁶(tradução nossa). A educação escolar luterana não era permitida pelo governo português em Angola como afirma o Padre José Maria, em discussão com ancião Martin Ndjebela: “neste território não pode existir outra doutrina, excepto a da Igreja Católica que foi autorizada pelo governo deste país”¹¹⁷ (tradução nossa). Da mesma forma o Administrador de Naulila, Manuel Roçadas, disse para Martin Ndjebela: “saiba que a doutrina da Igreja Católica é a única que vai existir neste território porque é a doutrina do Governo Português”¹¹⁸ (tradução nossa). A área do Cunene era uma área estratégica para Portugal. E por

¹¹⁴ NDEUTAPO 2005, p. 83. *NopOkalonga yo osho pa monika omuhongi Tulimeke yaJosef Nghidileko, a li ta dulu oku kwafa ounona oku leshe, oku shanga noku valula.*

¹¹⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 74. *Moilonga yopangeleki ku há longifue nande elaka limwelimwe lovadalelwamo vomoAngola, kakele ashike kelaka IOshiputu.*

¹¹⁶ KAPLAN, Irving. *Angol: A Country Study*. Washington: The American University, 1979. p. 112. *The use of African languages for instructional proposes was explicitly rejected.*

¹¹⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 90. *Moshilongo omu ita um kala nande ehongo limwe li hefi la Katolika, olo alike la pitikililwamo kepangelo loshilongo eshi.*

¹¹⁸ NDEUTAPO, 2005, p. 92. *Shiiva kutya omambo a katolika oo aeke taa kala mo moshilongo omu shaashi oo omambo epangelo la kaputu.*

isso, em termos religiosos, exclusiva para a doutrina Católica, que era a religião oficial portuguesa. Nas reacções das autoridades portuguesas que expomos, se evidencia o principio “cuius religio eius regio” da paz de Westfália (1648).¹¹⁹

Uma crítica construtiva a partir destes dados mostra que o povo não podia escolher livremente a Igreja que quer e/ou aprender a ler e a escrever a partir de sua língua materna. Tinha que se lhe oferecer tudo pelas autoridades portuguesas: Desta feita, ofereceu-se lhe:

1. Uma igreja;
2. Uma língua de ensino para a educação e, o pior;
3. A prisão ou morte para quem resistisse àquilo que o português lhe oferecesse.

As barreiras políticas e instrumentalistas das autoridades portuguesas em Angola, sendo realmente duras, não impediram que os trabalhos da missão evangélica luterana continuassem. Enquanto alguns jovens nativos saíam de Namíbia para Angola - incluindo alguns mais velhos - como missionários itinerantes, leigos, outros jovens estavam estudando no seminário da Igreja Evangélica Luterana em Namíbia (ELCIN) no Oniipa,¹²⁰ com planos de ir trabalhar na missão em Angola como pastores luteranos.

2.5.2 O trabalho do primeiro pastor nativo, Rev. Sinson Ndatipo

É impressionante e surpreendente que, em meio à perseguição, maus tratos, até conseqüente perda de vidas¹²¹ de jovens e mais velhos missionários itinerantes, ainda havia pessoas com coragem de jurar para o ministério pastoral em Angola. O primeiro que fez este juramento foi o jovem Simson Ndatipo. Ele nasceu e cresceu num lar não cristão em Ombadja/Angola, no ano 1922, e, desde pequeno, escutou a palavra de Deus por meio dos cristãos que visitavam e faziam meditações na casa de seus pais. Depois, iniciou os estudos nas escolas da Igreja em Namíbia. Desejando instruir seu povo com a palavra de Deus, decidiu ir continuar os estudos,

¹¹⁹ BOSCH, 2002, p. 303. Segundo este princípio acordado na Europa naquele século, para acabar com as divergências religiosas, decidiram que quem governava numa região onde a maioria era Católica, seria católico, e onde a maioria era luterano, seria luterano.

¹²⁰ Local a 60 Km da fronteira de Angola com Namíbia, no Ondangwa, onde actualmente fica a Direcção Central da Igreja Evangélica Luterana em Namíbia ELCIN

¹²¹ Referimo-nos por exemplo do Senhor Filipus Shikwendule Kamati, em 17 de Julho de 1933, e o Jovem Gideão Hamukunya, citado acima.

em língua portuguesa, na Missão Congregacional no Dondi, na Província do Huambo, em Angola. Porém, certo dia, o Director da escola onde estudava, um português, aproximou-se à Ndatipo e disse-lhe: “mesmo que estudares tanto, até atingir o grau de doutoramento, nunca irás trabalhar no Baixo Cunene”¹²² (tradução nossa). Quando Ndatipo ouviu da boca do Director da escola aquelas palavras, ficou profundamente sentido, uma vez que estava ali estudando para actuar no Cunene. Não teve outra saída a não ser abandonar a escola, no Dondi, e voltar para Namíbia. Lá matriculou-se no Seminário de Teologia e, em 29 de Agosto de 1954, foi ordenado a pastor.

Os dados sobre o nascimento, estudo e baptismo do Rev. Ndatipo são importantes para esta pesquisa. Ele foi baptizado com 21 anos de idade. O catecumenato durava um ano. Provavelmente, ele começou a ouvir a palavra de Deus dentro dos anos que preconiza esta pesquisa 0-14 anos. Naquele tempo, os pais não cristãos, principalmente os mumbandjas, não admitiam que seus filhos participassem nas actividades cristãs. Ndatipo tinha que esperar até o momento em que ele mesmo tinha poder de decisão para entrar na escola de catecismo e ser baptizado. Assegura-nos que o Evangelho trabalhou no coração do jovem Ndatipo até que descobriu a importância da formação para educação e evangelização de seu povo.

O contacto com educação e formação da criança muito cedo torna-a uma pessoa perceptiva e versátil na idade adulta. E é isso que as autoridades portuguesas queriam evitar no seio das populações de Angola, impedir as influências religiosas e educativas evangélicas para não elucidar o povo.

O que choca nesta descoberta é que os interesses políticos e económicos de Alemanha e de Portugal no Cunene - naquele tempo - de alguma forma criaram um mau ambiente entre as confessionalidades latentes, católicas e luteranas. De algum modo, a Igreja foi usada para fins políticos. O povo ficou dividido, em termos religiosos, mas solidário em termos culturais. Os crentes católicos advertiam aos evangélicos se estes estivessem a correr perigo de vida movido pelos portugueses. Os padres, portugueses, actuavam a favor do sistema colonial. “O Padre disse que

¹²² NDEUTAPO, 2005, p. 107. *Omukulunhu wofikola oyo okwatya ku ye: “Nande li hongwa shi fike peni, fiyo onghatu youndokotola, kaku na efiku no ka longwe moBaixo Kunene.*

quem for encontrado a continuar na escola protestante será preso e enviado à Ondjiva”¹²³ (tradução nossa).

Depois de ordenado, Pr. Ndatipo regressou para Angola e trabalhou como Pastor na Congregação de Oshitota - Kwanyama.

Em sua congregação, Ndatipo tinha aulas de baptismo, de confirmação e aulas do ensino fundamental para as crianças. O ensino fundamental foi chamado de escola de catecismo,¹²⁴ para evitar a repreensão das autoridades portuguesas. Isso mostra-nos que o ensino de catecismo luterano, embora censurado, era, em parte, tolerado pelas autoridades portuguesas. O oferecimento do ensino fundamental pela Igreja Luterana era totalmente proibido, porque este iria abrir os olhos do povo ao mundo. E, para atingir este alvo, os evangélicos colocavam educação fundamental sob o guarda-chuva do catecumenato.

A chegada do primeiro pastor em Angola fez com que algumas crianças fossem enviadas do Cunene para a Missão do Bundjei, no Centro de Angola, onde podiam estudar em português até a quarta classe.¹²⁵ Quarta classe era o limite da educação escolar permitida pelo sistema colonial aos nativos de Angola. Para continuar depois da quarta classe, eram necessários certos requisitos sociais, políticos e económicos.

O objectivo da Igreja Luterana em Angola foi indicado desde o princípio pelos primeiros líderes ou obreiros:

Desde o início do trabalho da missão, os missionários nativos que chegaram no Kwanyama, e no Ombadja, esclareceram às autoridades portuguesas que o objectivo do trabalho deles era de ensinar a todas as pessoas, crianças, jovens e adultos para conhecerem o ensino de Jesus, para saberem ler, a fim de que elas próprias consigam ler a palavra de Deus¹²⁶ (tradução nossa).

¹²³ NDEUTAPO, 2005, p. 63. *Padre okua ti, ou ta hangika ta tuikile naai yOvaprotestande ota kwatwa ndele ta tumwa kOndjiva.*

¹²⁴ NDEUTAPO, 2005, p. 115.

¹²⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 120.

¹²⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 124. *Oku dja ashike pehovelo loshilonga shetumo, eshi ovatumwa ovadalelwamo va fika mOukwanyama nomOmbadja, ova yelifila epangelo lOmuputu kutya elalakano loshilonga shavo olo oku longa ovanhu aveshe onunona, ovanyasha novakulunhu vashiive ehongo la Jeus, vashiive oku lesa opo velileshele eendjovo da Kalunga.*

Ao dar este testemunho, os missionários agiam como quem estivesse a se incriminar a si próprio diante dos portugueses. O sistema colonial não iria contentar com a hermenêutica dos nativos resultante da educação luterana.

Apesar disso, neste tempo, a teologia apocalíptica era muito forte. A vontade e a preocupação de ensinar as pessoas a ler e a escrever com propósitos espirituais era, por um lado, proeminente. No entanto, o valor espiritual levou ao descobrimento de outros valores existenciais a partir do evangelho. Alguns destes valores foram a educação e a saúde.

Apesar da declaração do objectivo principal, que era a evangelização, havia outro secundário: a necessidade do ensino fundamental como uma base sólida de educação para as crianças dos missionários e de toda população no país. No Cunene, não havia escola autorizada oficialmente pelo Estado até 1968/9. Havia sim, algumas escolas nas Administrações do Estado e nas missões da Igreja Católica, onde havia professores autorizados para tal.¹²⁷

A injeção de um ensino autorizado no seio das congregações luteranas começa a surgir somente em 1968 com o primeiro professor membro, e nativo, desta igreja, formado na Missão Evangélica do Dondi: Salomão Haikokola. Depois de formado, ele foi colocado na primeira congregação luterana, Onamayaka, para ensinar as crianças.¹²⁸ Com o tempo, Sr. Salomão Haikokola – que actualmente é pastor luterano – veio a tornar-se professor do governo português, podendo assim ensinar todas as crianças, da Igreja Luterana e da Igreja Católica em Angola.

Valeu muito o esforço da Missão Luterana ao investir na formação dos jovens, enviando-os ao Bunjei e Dondi.

Na missão de Shangalala, a primeira professora a ser colocada ali pela Igreja foi a Sr^a Joana Ndahalamo, em 1965. Esta professora também estudou no Bunjei e Dondi pela recomendação da Missão Luterana.

A liberdade e o acesso ao ensino no Cunene só começam, praticamente, em 1969.¹²⁹ Nesta altura o governo português autoriza a construção de escolas em todas as missões, sem excepção: onde havia missões católicas e protestantes, e

¹²⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 124.

¹²⁸ NDEUTAPO, 2005, p. 126.

¹²⁹ NDEUTAPO, 2005, p. 130.

onde havia administrações do Estado, o governo mandou construir escolas para a educação do povo. Voltaremos a este assunto no terceiro capítulo.

Para concluir este ponto de uma grande descoberta sobre a vontade e os planos da Missão Evangélica Luterana no Cunene, podemos afirmar categoricamente: a liberação do ensino fundamental no Cunene, onde predominou a Missão Evangélica Luterana, aconteceu muito tarde. Isso prejudicou bastante todo o povo, e contribuiu para o atraso escolar e desenvolvimento daquela parcela territorial de Angola.

A Missão Luterana teve uma visão educativa muito vasta. Tanto é que pediu para ser apoiada para ter liberdade de ensinar a partir da iniciação até ao ensino secundário, níveis que eram leccionados nas missões do Dondi, no Centro de Angola.

A congregação de Oshitota deliberara que os professores seriam pagos pelo dinheiro que saía das propinas pagas pelas crianças. Porém, uma dificuldade acometia o bom funcionamento das pequenas turmas das escolas que funcionavam nas congregações luteranas no Cunene: elas ficavam em zonas de muita falta de água. Quando o trabalho começou a crescer, pastor Ndatipo sentiu dificuldades de atingir todas as áreas de Angola. A missão em Angola pediu mais um pastor.

2.5.3 O trabalho do segundo pastor nativo, Rev. Noé Ndeutapo

O segundo Pastor nativo que veio como missionário evangélico luterano para Angola, em 1962, é o Reverendo Noé Ndeutapo. Ele nasceu num lar cristão em 25 de Outubro de 1925. Estudou teologia e foi ordenado a pastor em 19 de Agosto de 1962. No momento de sua ordenação e colocação, disseram que ia trabalhar entre os pagãos. Não se podia dizer exactamente onde ele iria trabalhar para evitar perseguições porque naquela altura já havia iniciado a luta armada para a libertação de Angola, em 4 de Fevereiro de 1961.¹³⁰ “E o próprio Ndeutapo já tinha ouvido muita coisa sobre os conflitos entre brancos e negros, em Angola, por um jovem Umbundu que havia fugido de Angola devido aos combates”¹³¹ (tradução nossa).

¹³⁰ NDEUTAPO, 2005, p. 131.

¹³¹ NDEUTAPO, 2005, p. 131. *Na Ndeutapo mwene okwa hangwa a uda sha nale shihapu shomaluoodi aa komumati woshimbudu, omulihongi, a tauka koAngola omoluomaudjuu.*

Mesmo com este relato, falta de documentos de identidade Angolana, e sendo pastor luterano, Ndeutapo teve fé e coragem de vir para Angola. Pouco tempo depois de sua ordenação, rumou para Angola. Posto cá, a primeira coisa a fazer era apresentar-se às autoridades coloniais do Cunene, no Ombadja, que lhe receberam bem e lhe deram a guia para continuar a viagem até Bunjei a fim de estudar português.

Depois de terminar seus estudos de português, voltou ao Cunene e foi colocado na congregação de Ombadja, Okamudi. Esta congregação ficava longe do rio, numa área sem água. Já um missionário americano havia criticado os nativos porque constituíram congregações onde não havia água: “afinal por que fogem da água? Padecem pela seca e têm o rio no seu território”¹³² (tradução nossa). Assim que iniciou suas funções de pastor responsável da congregação de Okamudi, muito cedo, Ndeutapo transferiu-a para junto do Rio Cunene, no Vau-do-Pembe.

Os enviados da congregação de Okamudi que foram reconhecer o novo lugar da congregação próximo do rio eram Martin Ndjebela e Natanael Sheehama. Ao se apresentarem ao Soba da área, informaram que queriam um lugar para a construção de um templo, uma escola e um centro médico. O Soba ficou muito contente e disse: “eu quero o meu povo na minha aldeia, para serem educados e as doenças que tanto nos preocupam neste mundo tenhamos médicos”¹³³ (tradução nossa). A congregação foi transferida para Vau-do-Pembe em Janeiro de 1965 e logo os trabalhos de construção entraram em acção. A instrução das crianças também estava nos planos da nova congregação. Assim testemunha o Pastor da congregação:

A escola das crianças iniciou no rio com dois objectivos, o primeiro, para as crianças ajudarem no trabalho da construção em certos dias, segundo, para as crianças atraírem as outras crianças, muhumbes, a ter interesse de participar nas aulas¹³⁴ (tradução nossa).

¹³² NDEUTAPO, 2005, p. 136. *Hano omolwashike tava fadukapo omeva? Otava fi kenota nande ovena omulonga mOshilongo shavo.*

¹³³ NDEUTAPO, 2005, p. 146. *Ame onda hala oshiwana shange momukunda wange, shihongwe nomikifi idi de tunyikila mounyunimu tumone ovahakuli.*

¹³⁴ NDEUTAPO, 2005 p. 149. *Ofikola younona oya hovela pomulonga nelalakano lopavali, lotete, onunona opo va kale hava kwafa yo omafiku amwe poilonga yomatungo, etivali, onunona opo va shile yo onunona vakwao vovanghumbi oku tala fiyo va kwatwa kohokwe yofikola.*

Encontramos aqui um objectivo claro da Igreja Luterana para com a educação escolar das crianças: que começou no Kwanyama, estendeu-se para Ombadja e agora inclui crianças do Humbe.

O dinamismo que Pastor Noé e sua congregação imprimiram no ensino das crianças no Vau-do-Pembe – próximo à Vila Roçadas onde ficava a administração local portuguesa de Ombadja – fez com que brevemente ele fosse preso em 1965, ficando seis meses na cadeia no Lubango.¹³⁵

Até aqui abordamos como é que a missão luterana se ocupou com a educação escolar das crianças durante a implantação da Igreja em Angola.

As congregações sugeriram inicialmente não com pastores, evangelistas ou diáconos conforme sustentamos atrás. Quando chegaram os pastores, houve necessidades de transferir as congregações para lugares onde havia água e espaços suficientes para se construir templos, escolas, centros de saúde e residências de obreiros. Nesta altura, também começou a se fazer assembleias de tipo Concílio da Igreja.

2.5.4 Da Missão Evangélica Luterana em Angola à constituição de uma Igreja nacional autónoma

A primeira Assembleia que deu nome de Igreja à Missão Evangélica Luterana em Angola foi realizada em Agosto de 1966,¹³⁶ na congregação de Namayaka. No entanto, sob o ponto de vista estatutário da IELA, a Assembleia que lhe deu autonomia denominacional só ocorre em 1991.

Apesar dos princípios estatutários, é a partir da Assembleia realizada na Congregação de Namayaka em Agosto de 1966 que a Missão Evangélica Luterana em Angola recebe o nome de *Igreja Evangélica do Sul de Angola (IESA)* e cujo Representante Legal nomeado foi o Pastor Simson Ndatipo. O nome desta Igreja, no princípio, não incluía o adjectivo “luterana”, para evitar a perseguição pelas autoridades portuguesas. Era perigoso ser evangélico luterano! “A educação das crianças nas congregações dos protestantes no Cunene e as suas dificuldades

¹³⁵ NDEUTAPO, 2005, p. 150.

¹³⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 152.

foram apreciadas nesta assembleia”¹³⁷ constituinte (tradução nossa). Mostra isso que a Igreja continuou com o legado da Missão. Uma diferença, porém, nota-se no entanto; se antigamente se cobrava propinas,¹³⁸ agora não. Para permitir que crianças que não fazem parte das congregações e aquelas que não estão afiliadas a nenhuma igreja cristã não sejam inibidas pelo dinheiro a se enquadrarem na escola e ou criem avesso ao cristianismo.

A congregação de Vau-do-Pembe estava bem organizada no que se refere a educação das crianças. Prova disso é a nomeação da directora de Educação, a Sr^a Johanna Ndahalamo Haihambo.¹³⁹ Por causa do desenvolvimento escolar no Vau-do-Pembe, no dia 9 de Março de 1967, o Pr. Noé Ndeutapo, o Ancião Martin Ndjebela e a Directora de Educação na Congregação, Sr^a Johanna Ndahalamo Haihambo, foram chamados à Administração do Xangongo onde receberam a severa ordem de não ensinarem mais nem pregar a partir daquela data.¹⁴⁰ A congregação ficou um ano sem administrar aulas, e assistindo cultos ocultos nas casas dos crentes. Houve um grande retrocesso no crescimento escolar, educação das crianças e evangelização.

As colectas dominicais da Igreja estavam programadas para a congregação, missão e diaconia.¹⁴¹ Como se vê, não havia colecta para a educação escolar,¹⁴² porque o objectivo principal da Igreja era a Missão/Evangelização. A educação era a consequência da Missão e diaconia, um programa complementar.

Desde o início do trabalho missionário, o ensino incluía uma educação cristã persistente, com objectivo de tornar as pessoas discípulos de Jesus [...], este ensino ao ser dificultado pelas perseguições do sistema colonial português, a pregação do evangelho e a sua expansão foram, também, embaraçados¹⁴³ (tradução nossa).

¹³⁷ NDEUTAPO, 2005, p. 154. *Ofikola yeputado lounona momaongalo ovaprotestante moKunene nomikundu dayo oda kundafanua moshongalele eshi.*

¹³⁸ NDEUTAPO, 2005, p. 154.

¹³⁹ NDEUTAPO, 2005, p. 155.

¹⁴⁰ NDEUTAPO, 2005, p. 156.

¹⁴¹ NDEUTAPO, 2005, p. 161.

¹⁴² Em algumas situações, do mesmo dinheiro das colectas é de onde saía o dinheiro para pagar os professores nas congregações. Como acontecia por ex. na congregação de Onambunga, Cf. NDEUTAPO, 2005, p. 171. Alguns salários de obreiros eram pago pela associação dos Pastores, e ou pela sociedade dos jovens na Igreja.

¹⁴³ NDEUTAPO, 2005, p. 168. *Okudja pehovelo loshilongatumo, ofikola yeputado oya kwatekamo ehongo loukriste la diinina, tali lalakanene omunhu a ninge omuhongwa wa Jesus ..., ehongo eli eshi la etelwa omafininiko kepangelo lakaputu, eudifo levangeli netandavelifo lalo ola etelwa yo omaimbo.*

Nesta passagem, Ndeutapo mostra que o que o sistema colonial combatia era as escolas das congregações luteranas. E isso comprometeu concomitantemente o crescimento do trabalho evangelístico. Chegamos à conclusão de que não há como dissociar o trabalho de evangelização da educação. Evangelizar é educar.¹⁴⁴ Contudo, educar não é evangelizar.

Um outro encontro importante na IESA¹⁴⁵ aconteceu em Vau-do-Pembe, em 18-24 de Março de 1974, tendo reunido 25 obreiros, pastores, evangelistas, catequistas e leigos. Na verdade, o número dos participantes nesta Assembléia foi maior que o do Sínodo que elegeu o Primeiro Pastor Presidente da IELA, em Novembro de 1991.

Sobre as crianças, a Assembléia de 1974 disse o seguinte:

As crianças recebam a educação cristã nos lares e nas escolas, sejam ensinadas a palavra de Deus, dedicando-se na escola bíblica dominical. Os missionários preocupem-se para se conseguir livros e outros materiais úteis para as actividades das crianças em Português e em Kwanyama¹⁴⁶ (tradução nossa).

Esta deliberação e recomendação do segundo concílio da IESA foi muito importante e mostra a responsabilidade e preocupação da Igreja para com suas crianças. Foi uma prática igual a dos “grandes padres do século IV que em suas obras pastorais davam orientações aos pais e aos educadores para a formação das crianças”.¹⁴⁷ E, porque também, os missionários estavam ali para ajudar o avanço da obra. O facto é que bastou a abertura da ajuda externa da missão, a Igreja internamente abrandou seu cuidado e responsabilidade para com a educação das crianças¹⁴⁸ e dos obreiros. Tudo foi deixado à responsabilidade da MELF. As responsabilidades que eram assumidas pela associação de pastores e juventude cessaram. Nos tempos das novas gerações, não se ouviu mais falar daquelas práticas sadias e excelentes para a maturidade e responsabilidade interna da Igreja.

¹⁴⁴ Entendemos que, por meio de evangelização, se instrui sob o ponto de vista ideológico, confessional e legal. A educação, por sua vez, é isenta do legalismo.

¹⁴⁵ Deve se cuidar com esta sigla para não confundir com a Igreja Evangélica Sinodal de Angola que surgiu na mesma época no Município de Caluquembe, Província da Huila, Angola.

¹⁴⁶ NDEUTAPO, 2005, p. 203. *Ounona yo nava tekulilwe oukriste momaumbo, nomofikola, nava hongue eendjovo da Kalunga, va diinine oku kala mofikola yOsoondaxa. Ovatumwa nava fye oshisho opo ku monike omambo noilongifo ikwao tai wapalele oyoongalele ei, mOshiputu nOshikwanyama.*

¹⁴⁷ CRISÓSTOMO apud LADOSCI, G. Criança. In: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*: Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Paulus, 2002. p. 356.

¹⁴⁸ No entanto, a escola bíblica dominical continuou.

Desde que surgiu a possibilidade de receber apoio de fora, tudo se encomendava e se esperava da MELF. Facto que originou a falta de responsabilidade pessoal dos membros e engajamento para formação e criação da Instituição.

Em 1976, o Sínodo da ELCIN (*Igreja Evangélica Luterana em Namíbia*) deliberou a autonomia da Missão Evangelica Luterana em Angola, passando a chamar-se agora, Igreja Evangélica Luterana do Sul de Angola – IELSA, cujo Dirigente se tornou o Pr. Noé Ndeutapo.

Nessa altura, o Sr. Titus Namunyekwa, um professor que veio da Namíbia, havia iniciado, na congregação de Shangalala, em 1975, a sociedade das crianças com o nome “Os amigos de Jesus no Baixo Cunene”¹⁴⁹ (tradução nossa). O objectivo dessa sociedade era fazer as crianças entenderem e animá-las na realização da missão. As invasões do Exército Sul-africano¹⁵⁰ à Angola, e a divulgação da ideologia revolucionária baseada no comunismo científico que dizia “não existe Deus”¹⁵¹ (tradução nossa) foram os maiores adversários dos programas educativos e evangélicas da IELSA, e não só. Finalmente, com a Independência do país, o luteranismo começa a mostrar sua força universal também em Angola. Quando, em 1980/1, o Governo angolano pediu o reconhecimento das igrejas, não queria reconhecer a IELSA por causa de seu carácter regional (Luterana do Sul de Angola). Dia 2 de Outubro de 1989,¹⁵² o conselho Executivo da IELSA decidiu retirar o S e tornou-se *Igreja Evangélica Luterana de Angola* (IELA).

Em 21-26 de Janeiro de 1991, a IELA recebeu sua autonomia da ELCIN, e a educação das crianças¹⁵³ foi um dos planos que saíram daquela assembléia deliberativa da Igreja.

Até aqui somos testemunhas, pelo menos até certo ponto, de um processo educativo sustentável das crianças desde o início da missão luterana em Angola até ao surgimento de uma igreja independente. Houve, no entanto, o momento em que o processo educativo deixou de ser responsabilidade da Igreja, por recomendação do Director da Missão Evangélica Luterana da Finlândia, cujo nome o texto não faz menção: “agora podemos fazer planos do trabalho. As escolas já não serão

¹⁴⁹ NDEUTAPO, 2005, p. 238. *Ookaume kaJesus meni laKunene*.

¹⁵⁰ NDEUTAPO, 2005, p. 237.

¹⁵¹ NDEUTAPO, 2005, p. 246. *Kaku na Kalunga*.

¹⁵² NDEUTAPO, 2005, p. 285.

¹⁵³ NDEUTAPO, 2005, p. 293.

planificadas pela missão como foi, mas vão ficar na responsabilidade do governo”¹⁵⁴ (tradução nossa).

Na verdade nesta época, e desde de 1969, o governo português construiu escolas em alguns lugares. E as crianças podiam ir à escola. Porém, nem sempre ali, onde havia uma congregação da luterana, principalmente no campo, existia uma escola. Continuamos a assistir, ainda hoje, no campo, o nascimento e crescimento de miúdas e rapazes sem escolas junto de suas comunidades, perpetuando-se assim uma cultura de analfabetismo. Outra observação importante: se numa comunidade existe escola, falta-lhe a qualidade.

2.6 IELA: O novo desafio educativo

Em Angola, a responsabilidade social, comunitária etc., é cobrada ao governo.

Será que a Igreja não deve aliar seu esforço ao governo nesta tarefa para melhorar o trabalho de educação escolar? Em nossa óptica, achamos ser isso também dever da Igreja. Que programa educativo a Igreja pode ter junto das comunidades para ajudar na formação das crianças? Que tipo de projecto educativo a IELA pode desenvolver? É o que vamos tentar responder no terceiro capítulo, a seguir.

¹⁵⁴ NDEUTAPO, 2005, p. 198. *Paife ohatu dulu okuninga omafa oshilonga. Eefikola ita di ka longekidua vali ketumo ngaashi nale ndele nee ota di ka kala moshisho shepangelo.*

3 IGREJA EVANGELICA LUTERANA DE ANGOLA: PENSANDO E PERSPECTIVANDO A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

3.1 A criança na perspectiva bíblica

Segundo Ladocsi, na literatura cristã antiga, a palavra criança foi usada em dois sentidos: “no sentido teológico e no sentido rotineiro de então”.¹⁵⁵ O sentido teológico designava a antiguidade da humanidade e os primórdios da vida terrena da Igreja, simbolizando o homem perfeito.¹⁵⁶

Agostinho divide a história da humanidade ou da salvação em sete épocas correspondendo às fases da vida humana. A primeira parecida com a infância, corresponde ao período que intercorre da criação a Noé, abrangendo duas partes: a fase da infância e a da adolescência.¹⁵⁷

Provavelmente os teólogos antigos, incluindo Agostinho, consideravam a criança como perfeita a partir da compreensão das palavra de Jesus em Mc 9.33 e Mt 18.3.

O apóstolo Paulo, que viveu antes de Agostinho, não vê na criança a perfeição. A criança é limitada e precisa crescer para atingir a perfeição (1Co 13.10-11). Assim foi com Samuel (1Sm 1.1ss). Ele teve que ser entregue para ser criado e depois servir a Deus.

Para esse facto, Remí Klein afirma:

No período anterior ao exílio Babilónico (587 a.C.) e até o surgimento das sinagogas, não havia ainda escolas ou qualquer educação religiosa especificamente programada e adaptada para crianças em Israel. Elas aprendiam essencialmente através da convivência com seus pais.¹⁵⁸

O mesmo autor informa ainda que “entre os judeus as crianças eram consideradas uma dádiva divina e uma bênção de Deus (Salmo 127.3-5 e Salmo 128.3s)”.¹⁵⁹ As crianças eram valorizadas como povo de Deus. Meninas e meninos usufruíam os mesmos direitos de pertencer ao povo eleito de Deus. Porém, “os

¹⁵⁵ LADOCSI, 2002, p. 355.

¹⁵⁶ LADOCSI, 2002, p. 355.

¹⁵⁷ LADOCSI, 2002, p. 355.

¹⁵⁸ KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 1996. p. 49.

¹⁵⁹ KLEIN, 1996, p. 49.

meninos eram circuncidados, para evidenciar, desta maneira, sua inclusão no povo e na comunidade cúltica e sua participação na aliança (Génesis 17.12)".¹⁶⁰ Por esta razão, a de pertencer à aliança de Deus, a "educação estava centrada na Torá e tinha nela sua motivação, seu fundamento, sua norma e seu conteúdo".¹⁶¹

O pai da família era o principal responsável pela educação de seus filhos. Cabe-lhe transmitir aos filhos homens sua profissão e as tradições de seu povo. A mãe também tinha uma função educativa, especialmente em relação às filhas, através de seus conselhos e de suas instruções, como se vê em Provérbios 1.8.¹⁶²

O ensino à criança devia começar cedo para proporcionar a ela uma vida segura na idade adulta, como indica Provérbios 22.6. O valor do ensino não reside na passagem de profissão por actos práticos, mas essencialmente: "é preciso que todas as pessoas, em especial os responsáveis pela formação das próximas gerações, cuidem com esmero da palavra e se esforcem para pregá-la sempre de modo adequada".¹⁶³ Segundo esse autor, "a palavra é como árvore: planta-se e ela cresce, amadurece e dá frutos. Quando esterilizamos a palavra, bloqueamos a vida".¹⁶⁴

Assim, é muito importante também a disciplina¹⁶⁵ das crianças, para estarem prontas para escutar a palavra de seus educadores, como diz Eclesiástico 5.13. A palavra, que tem poder de transformação, no sentido teológico, é o próprio Deus que se encarnou e viveu em nosso meio. Na Bíblia, a palavra não é mera palavra; é "palavra-acção", "palavra que faz acontecer".¹⁶⁶ Para a palavra fazer as coisas acontecer, para transformar a vida de muitos, para que haja educação, é preciso a boa escuta. Acontece que a escuta "não é ensinada em nenhuma escola, e não obstante é tão ou o mais importante que a arte de bem falar".¹⁶⁷ A partir de uma boa escuta e memória, conserva-se a sabedoria que dura de geração em geração:

A Bíblia veio a se constituir pela tradição oral de narrar a história de pais para filhos. Ela é a redação escrita de uma história, passada oralmente de

¹⁶⁰ KLEIN, 1996, p. 49.

¹⁶¹ KLEIN, 1996, p. 49.

¹⁶² KLEIN, 1996, p. 50

¹⁶³ MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 188.

¹⁶⁴ MORENO, 2002, p. 188

¹⁶⁵ Disciplina aqui não se refere à repreensão ou auto-flagelo, mas o estado de se colocar na condição de prontidão, escuta e aprendizado.

¹⁶⁶ KLEIN, 1996, p. 44.

¹⁶⁷ MORENO, 2002, p. 189.

geração em geração. Narrando acontecimentos e experiências fundamentais, em forma de “consciência histórica ou memória activa”. Vê-se isto, por exemplo em Deuteronômio 26.1-11, um dos mais importantes credos históricos.¹⁶⁸

Pudemos ver no segundo capítulo a disputa pela educação entre a Missão Luterana e as autoridades do Governo Português em Angola no século XX. A Igreja queria pregar o Evangelho e ensinar as crianças a ler e a escrever. As autoridades políticas, por sua vez, não liberavam. No entanto, “para o povo de Israel, na época do AT, não existia separação ou diferença entre educar para a vida e educar para a fé”.¹⁶⁹ Deus era considerado o principal e verdadeiro educador, como se vê, por exemplo nos Salmos 71.17 e 143.10.¹⁷⁰ E a família era a instituição educativa matriz e essencial no AT.¹⁷¹ Segundo Klein, “os pais ensinavam também poemas e cânticos a seus filhos, tendo os mesmos uma função pedagógica, como se vê em Deuteronômio 31.10-22”.¹⁷² Toda sociedade, ao educar suas crianças, tem um propósito. Assim os ensinamentos do povo de Israel interessavam pela globalidade e integralidade da vida. Visavam educar para a vida (Provérbios 6. 23, 10.17 e 8.3-36), mas, para tal, pressupunham o conhecimento e a fé em Javé (Proverbios1.7).¹⁷³

Existe em Angola uma falta de responsabilidade educativa pessoal dos pais para com os filhos. Em certos casos, chega-se a um abandono total por parte de alguns pais. Este facto coloca a necessidade de se buscar valores bíblicos para a educação das crianças. Se a educação não partir do lar, a escola não terá sucesso. A educação escolar é o complemento do que os pais e as próprias crianças plantam a partir do lar.

O exemplo da Igreja moderna de usar a escola, como vimos acima, como lugar de educação e culto é herança bíblica, que vem desde os tempos do AT. Como informa Klein:

Na mesma época, apareceu a sinagoga, uma instituição religiosa e educativa, que se tornou, a partir de então, o centro da vida comunitária em Israel. As sinagogas serviam também como escola, sendo ali ministrado o ensino elementar. Desta maneira, a partir de 6 a 7 anos, as crianças eram

¹⁶⁸ KLEIN, 1996, p. 46.

¹⁶⁹ KLEIN, 1996, p. 46

¹⁷⁰ KLEIN, 1996, p. 48

¹⁷¹ KLEIN, 1996, p. 49

¹⁷² KLEIN, 1996, p. 51

¹⁷³ KLEIN, 1996, p. 53.

iniciadas na leitura e na interpretação da Lei. O objectivo era ‘rememorizar’ e preservar a ‘sua’ história.¹⁷⁴

Na perspectiva bíblica e “na mensagem de Jesus, as linhas do amor (Marcos 9.37a) e da fé (Marcos 9.37b) se cruzam na criança”.¹⁷⁵ Por isso, é muito importante a busca pelo bem-estar da criança, que nada mais é que educação.

Encontra-se na Bíblia uma essência fundamental que incumbe à Igreja uma responsabilidade maior de educar a criança. Pelo que uma advertência de Klein é relevante para fechar este item:

A Bíblia fornece os fundamentos bíblico-teológicos, da educação cristã, mas cabe à Igreja, em cada época, lugar e contexto, a importante tarefa de interpretar, atualizar e confrontar o princípio educativo descoberto ao longo do AT e do NT.¹⁷⁶

3.2 A criança no seio da família moderna angolana

No primeiro capítulo deste trabalho, tratamos da criança na perspectiva da família tradicional angolana, num contexto não cristão.¹⁷⁷ Agora vamos abordá-la numa perspectiva do contexto cristão-ocidental. Apesar de sermos cultural e originalmente africanos, adquirimos ao longo das ocupações coloniais e evangelização ocidental, um repertório cultural, social, filosófico e religioso preponderantemente ocidental.

Modernamente, no mundo ocidental, predominantemente cristão, o nascimento de uma criança acontece por meio de um *planejamento*¹⁷⁸ familiar. Isto tem a ver com o “custo financeiro vitalício de ter um filho”.¹⁷⁹ Por outro lado, o planejamento familiar leva em conta os benefícios sociais para a própria criança, quando nascer, e os prazeres para os próprios pais. Tem em conta o dinheiro que se ganha e que se pode gastar no vestuário, na alimentação, na creche, no lazer da família e na formação da criança. Planejamento é a organização da família para a

¹⁷⁴ KLEIN, 1996, p. 53.

¹⁷⁵ KLEIN, 1996, p. 55.

¹⁷⁶ KLEIN, 1996, p. 63.

¹⁷⁷ A partir das ocupações ocidentais dos territórios africanos e da cristianização, a cultura e tradição africanas têm sofrido profundas mudanças.

¹⁷⁸ Em pleno século XXI, ainda vamos encontrar em Angola quem repudia o planejamento familiar. Lembro-me ter sido repudiado por um pastor, em 2006, por ter falado aos pastores e suas esposas, numa conferência, sobre a possibilidade e a necessidade do planejamento familiar.

¹⁷⁹ CARTER, Betty (Org.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995. p. 206.

construção da identidade e do viver bem a vida. Ao olharmos para a Bíblia, principalmente no AT – com exceção de Jacob que teve 12 filhos, com duas mulheres, como se vê em Gênesis 35.23-26 – a maioria dos casais bíblicos, tidos como exemplos, o caso de Adão e Eva (Gênesis capítulos 4 e 5), Abraão e Sara (Gênesis 21.3.), Isaac e Rebeca (Gênesis 24.66-27, 25.25-26), Zacarias e Isabel (Lucas 1. 57-58) e José e Maria (Mateus 1.25) tinham poucos filhos. A pergunta central nesta colocação é: o número de poucas crianças nas famílias tidas como modelos na Bíblia é uma vontade e plano de Deus? Naquele tempo, não houve planejamento familiar. Pelo menos, não enquanto um planejamento consciente como acontece hoje.

Na modernidade, as condições existenciais obrigam as pessoas a optarem por um planejamento familiar consciente. “Nesse contexto de maciças mudanças sociais, o desafio da nova associação – uma nova criança na família – é revisto”.¹⁸⁰ Para as pessoas de hoje, o homem e a mulher, em seus lares, o trabalho vem em primeiro lugar, antes do cuidado pelas outras pessoas.¹⁸¹

Com este quadro em que os pais estão mais aliados ao trabalho, pouco tempo resta para cuidar das crianças. “De facto, hoje a pergunta se torna pertinente: Estarão as crianças educando-se umas às outras? Estará a sociedade estratificando-se por idade? Com efeito, o resultado é que os adultos têm menos espaço em suas vidas para filhos”.¹⁸²

O planejamento de tempo de trabalho e, mesmo familiar, é necessário e importante. Está claro que planejamentos não se fazem fora da vontade de Deus, porque foi ele que deu inteligência e sabedoria ao ser humano. Por esta razão, a teologia chama o ser humano de co-criador com Deus.

Ora, na actualidade, cuidar e acompanhar as crianças exige sabedoria e caminhar *pari passu* com as frequentes transformações da sociedade global. A formação do ser humano novo, em maior ou em menor grau, é produto da educação, apesar de que não se parte do zero ao educar a criança. As pessoas reconhecem que as crianças são dotadas de inteligência pelo criador. Os pais e outros educadores têm, pois, a tarefa de transmitir conhecimentos, quer religiosos,

¹⁸⁰ CARTER, 1995, p. 206.

¹⁸¹ CARTER, 1995, p. 208.

¹⁸² CARTER, 1995, p. 210.

escolares, sociais e profissionais, às crianças. No entanto, nessa tarefa, “a criança se apresenta como um parceiro de diálogo extremamente competente”.¹⁸³

Como podemos definir mais precisamente as tarefas do adulto? Não se trata, evidentemente, apenas de algumas intervenções pedagógicas, e sim, comprometer-se, junto com a criança na construção de um mundo em comum.¹⁸⁴

A criança no contexto da família moderna angolana não está isolada da realidade social global. Os pais devem buscar a inserção de suas crianças nos valores tradicionais, mas, cientes da necessidade da actualização dos mesmos valores, em combinação com os conhecimentos globais. A criança, em vez de ser subjugada, deve ser vista como o outro igual.

O entrosamento na relação entre criança e adulto se dá numa reciprocidade em que a criança é reconhecida como sujeito com direitos e poderes de comunicar, na troca do aprendizado de ambas as partes do processo educativo, e na qual ela mesma, a criança, aprende a reconhecer e a valorizar os outros como tais.

Pensar a criança no contexto moderno angolano demonstra que existem sérios problemas de aproximação entre pais e filhos. Os pais, uns poucos, que têm emprego, têm a possibilidade de levar os filhos a creches. Estes, os filhos, cresceram desde tenra idade estudando e desenvolvendo habilidades intelectuais, académicas e profissionais profícuas.

Por outro lado, neste país existem muitas famílias que sobrevivem graças ao sector do comércio informal. São lares em que o pai e a mãe saem de casa todos os dias, muito cedo de manhã, e só regressam a partir das 19 horas. Seus filhos não têm quem lhes oriente. Aprendem de qualquer um na rua. Essa lacuna complementar de educação das crianças nos lares cria uma geração que cresce sem princípios éticos, sociais e morais. Além disso, é importante considerar que os pais nasceram e cresceram no contexto de guerra. Quase nada de substancial educação eles, também, têm para oferecer aos filhos. Assim, é forçoso reconhecer aqui um desafio que só será vencido, eficientemente, com a superação do desemprego no país.

¹⁸³ PEUKERT, Úrsula. Solidariedade Intergeracional. In: METTE, Norbert (Org.). Onde estão as Nossas Crianças. *Concilium*, Petrópolis, v. 264, n. 2, 1996, p. 99.

¹⁸⁴ PEUKER, 1996, p. 101.

3.3 A importância da criança na educação luterana

A confissão evangélica luterana fundamenta a educação da criança nos princípios do ensino de Jesus: “mas Jesus, chamando-os para si, disse: Deixai vir a mim os pequeninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus” (Lc 18.16).

Nesta cena, as mulheres levavam as crianças a Jesus como Deus, Senhor da vida e, por outro lado, como Mestre. Sendo elas, também, discípulas de Jesus. É nesta óptica que a confissão evangélica luterana admite as crianças ao batismo, encomendando-as, desde cedo, a um processo educativo cristão na responsabilidade da Igreja, dos pais e dos padrinhos.

Por este motivo, antes de ascender aos céus, Jesus recomendou a Pedro – neste caso ao/a pastor/a – que apascentasse os seus cordeiros¹⁸⁵ (Jo 21.15). Algumas traduções bíblicas traduzem os dois termos gregos αρνία e πρόβατα¹⁸⁶ da mesma forma. No entanto, no original existe diferença entre os termos cordeiros e ovelhas. Cordeiro denota os novilhos, tenros; enquanto ovelha indica os mais avançados/as em idade. Jesus pede aos pastores e pastoras que coloquem sob sua responsabilidade primordial os cordeiros. E é nesta ordem que a Igreja cristã, coloca em primeiro lugar a educação das crianças.

Segundo Lahja Lehtonen, os missionários finlandeses chegaram na África Subsaariana em 1869.¹⁸⁷ A primeira tarefa dos missionários era pregar o Evangelho. E isso eles/as tinham que fazê-lo numa língua compreensível ao povo nativo. Devido à necessidade de realizar os cultos em línguas locais, começaram a ensinar o alfabeto¹⁸⁸ aos nativos em Namíbia, um ano depois de sua chegada a este país. Ensinavam a todas as pessoas para saberem ler e escrever. Uma das pessoas que recebeu as primeiras letras através dos missionários finlandeses foi o Rei Nuyoma de Oukuambi¹⁸⁹ em Namíbia.

¹⁸⁵ Cordeirinhos, neste caso, são as crianças.

¹⁸⁶ FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 1987. p. 360: Em grego, o termo cordeiros é traduzido por αρνία e ovelha por πρόβατα.

¹⁸⁷ LEHTONEN, Lahja. *Ondjokonona yooskola mOwambo 1870-1970. [A História das escolas no Amboó 1870-1970]*. Helsink: University Printing House, 2001. p. 3.

¹⁸⁸ LEHISTONEN, 2001, p. 5.

¹⁸⁹ LEHISTONEN, 2001, p. 5.

Aos missionários que chegavam na África, eram-lhes oferecidas algumas crianças que eram escravas. Foi assim que a Senhora Wilhelmina Kurvinen ensinou a ler e escrever a menina Nangulohi de oito anos de idade que lhe fora oferecida pelo Rei.¹⁹⁰ Em sua obra, Lahja mostra o valor e a importância da missão da Igreja: “o trabalho missionário é pregar e educar as pessoas” (tradução nossa).¹⁹¹

Considerando estes dados históricos referentes à missão cristã e educativa em Angola, cabe reflectir sobre o sentido e o valor da educação cristã em nosso país. Schultz destaca três aspectos no testemunho educativo luterano:

1. A educação na fé requer um processo contínuo de ensino e aprendizagem na fé que perpassa todas as fases do ciclo da vida, perfazendo a infância, a adolescência, a idade adulta e a velhice.
2. A educação cristã tem seu lugar privilegiado na família. A função que a comunidade cristã exerce diante da família, nesse caso, pode ser comparada ao papel que a escola desempenha, enquanto agente de socialização.
3. No dia-a-dia, em meio às nossas necessidades básicas, é que articulamos a nossa fé e somos constituídos como imagem de Deus, seres inacabados que expressam o poder criador e transformador da palavra de Deus.¹⁹²

Ora, pensar no futuro da criança é valorizá-la. E isso ocorre quando se caminha com ela num processo educativo continuado, no qual se deve “criar condições que permitam que a criança/adolescente amplie sua capacidade de reflexão no mundo em que vive”.¹⁹³ Baseado em 1 Pedro 2.9, onde encontramos uma compreensão eclesiológica fundamental, Lothar Carlos Hoch adverte:

Se nosso papel de educadores evangélicos é contribuir para que a pessoa chegue à plenitude de sua vocação divina, então precisamos, para o bem desse objetivo, deixar mais concreto. Precisamos deixar de considerar o Pastor como alguém mais importante que o professor. Segundo as escrituras, Deus vocacionou uns para apóstolos, outros para profetas,

¹⁹⁰ LEHISTOTEN, 2001, p. 5. Nangulohi veio a tornar-se em primeira cristã de origem ambó, o que está ligado bíblicamente às mulheres serem as primeiras missionária, Jo 24.8-9.

¹⁹¹ LEHISTONEN, 2001, p. 7. *Oshilongatumo osho oku uvitha noku longa aantu.*

¹⁹² SCHULTZ, Valdemar. Formação Cristã Continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino Confirmatório e Confirmação*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 19.

¹⁹³ SILVA, Marta Nornberg da. Valorização no Ensino Confirmatório: apontamento teórico-práticos para o processo ensino-aprendizagem. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino Confirmatório e Confirmação*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 54.

outros para evangelistas, e outros para pastores e ainda outros para Mestres (Efésios 4.11).¹⁹⁴

A importância da educação na compreensão luterana vem junto com a pregação do evangelho e compromete todas as pessoas em torno da criança. As seguintes palavras de Lutero apontam para isso:

A escola deve dar personalidades à Igreja, personalidades capazes de se fazer apóstolos, evangelistas, profetas, o que vale dizer pregadores, pastores, governadores, sem falar das demais funções, necessárias ao mundo, quais sejam entre outras, ministros de Estado, conselheiros, notários, importantes auxiliares do governo.¹⁹⁵

Na óptica luterana, portanto, a educação sucede a pregação do evangelho. Lutero certa vez afirmou que “se não fosse pregador, queria ter sido professor”.¹⁹⁶ Nada mais animador do que este pensamento do grande reformador da igreja.

3.4 Condição social da criança angolana

A condição social da criança em Angola ocorre, ainda hoje, dentro dos modelos tradicionais, embora, largamente afectados pela cultura ocidental.

A prática tradicional dos sobrinhos, filhos de irmãs, viverem em casa dos tios ainda é muito presente, cumprindo-se uma obrigação imposta pelo costume. Contudo, ainda que este conceito de família esteja presente, denota-se uma certa predominância da família nuclear.¹⁹⁷

A família *nuclear* a que se refere nossa autora é a baseada no factor esposo, esposa e filhos. Este é um pensamento nitidamente ocidental. No pensamento africano, contudo, se considerarmos o sentido semântico do termo *núcleo*, a família nuclear é a matrilinear. A avó determina o núcleo da família pela origem materna. As relações esposo/esposa têm tradicionalmente apenas o sentido de reprodução da espécie humana. Na verdade, hodiernamente, o sentido da família nuclear

¹⁹⁴ HOCH, Lothar Carlos. Educação evangélica a partir do conceito de vocação. In: MALSCHITZKY, Gustavo; GOLDMEYER, Marguit, WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Luteranismo e Educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 86.

¹⁹⁵ LUTERO apud FLECK, Dorival Adair Gustavo; Luteranismo e Educação. In: MALSCHITZKY; GOLDMEYER, Marguit; WACHS, Manfredo C. (Orgs.). *Luteranismo e Educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 28.

¹⁹⁶ FLECK; In: MALSCHITZKY; GOLDMEYER; WACHS, 2006, p. 29.

¹⁹⁷ CABRAL, Maria Alice dos Santos. *O Sector Informal em Angola: a solidariedade como tradição e estratégia de sobrevivência no mercado da Caponte em Benguela*. Benguela. KAT Consultoria & Formação, 2006. p. 113.

tradicional na África sofreu uma profunda influência ocidental. Agora os dois conceitos esposo/esposa e matrilinear rivalizam na sociedade angolana, embora legalmente o modelo nuclear ocidental seja o oficial.

No conceito da família matrilinear em Angola, centra-se a condição social da criança Angolana. Ela cresce numa vasta família. Esta condição social de famílias numerosas gera homens e mulheres solidários/as ou, ao contrário, agressivos.¹⁹⁸

Em termos de estruturas escolares, temos em Angola ainda desafios. Desafios que, ao nosso ver, seriam em parte do dever dos pais. Muitos pais esperam tudo do Governo. Pedem tudo ao Governo. Enquanto isso, o tempo some, gerações mais gerações nascem e sucumbem no analfabetismo. Episódios como o que se segue repetem-se continuamente quando se espera pelos planos e programas do Governo:

Nas sombras das árvores, voluntários dão aulas para crianças de pés no chão e sentadas em pedras. Às 10h30, foi distribuído um prato de mingau de soja para os “miúdos” de até cinco anos. Durante quase uma hora, elas se submeteram a um ordeiro ritual: Responderam a chamada, mostraram seus cartões de identidade, lavaram as mãos entraram nas “bichas” [filas] e, silenciosas e pacientemente, esperaram sua vez para receberem uma pequena bacia de plástico com mingau já frio. Sentaram no chão, ordeiras, e comeram tudo com as mãos.¹⁹⁹

Como se pode perceber, e apesar de não termos aprofundado este ponto, há muita coisa a fazer com relação à condição social e educativa das crianças em Angola, principalmente porque em certos lugares elas sofrem acusações de serem feiticeiras.

3.5 Educação escolar da criança em Angola

“De feito, é no que se processa na zona da educação e ensino no ultramar que se deve apreender a essência das intenções do povo civilizador”.²⁰⁰

¹⁹⁸ Alguns lares, com muitas crianças, têm comida suficiente para alimentar as crianças e tempo para sentar e conversar com elas, mostrando-lhes as boas maneiras de convivência mútua. Por isso, essas crianças ao crescerem se tornam solidárias no convívio colectivo. Não são individualistas, pelo contrário, sabem articular o colectivo e compartilhar os meios com a maioria. Para aqueles lares nos quais a alimentação é escassa, pode-se encontrar crianças deprimidas, revoltadas ou tagarelas. Sem alimentação suficiente e boa, é difícil educar.

¹⁹⁹ DIAS, Arcelina Helena Publio. *Perdão ÁFRICA Perdão*. Goiás: Rede, 2003. p. 76.

²⁰⁰ SILVA, José Pinheiro da. Comentário. In: SANTOS, Martin dos. *História do Ensino em Angola*. Luanda: Edição dos Serviços de Educação, 1970. p. 7.

Esta é uma frase ambígua do secretário de educação portuguesa em Angola, anos atrás. Naquele tempo, Angola era considerada província de Portugal. A frase encerra um ar altivo do bem-fazer em relação à educação e ensino dos angolanos. Basta olhar para o adjectivo *civilizador* e logo se descobre a *intenção* de camuflagem do ensino aos angolanos.

Em sua obra intitulada *Angola: um estudo do país*, Kaplan mostra o outro lado da intenção do processo colonial português: “o acesso dos africanos para as oportunidades de educação era limitado em grande parte do período colonial”²⁰¹ (tradução nossa). O sistema colonial não estava ávido para oferecer o ensino e a educação aos Angolanos. E se o fizesse, era com clara limitação para o ensino primário. “Claramente a educação além do nível primário era disponível para muito poucos africanos antes de 1960”²⁰² (tradução nossa). Estes dados se referem à de todo o país, já vimos neste trabalho, no segundo capítulo que, para a província do Cunene, por exemplo, o ensino primário só foi liberado totalmente em 1969. O sistema colonial privou claramente a educação e o ensino aos angolanos.

“Em geral a qualidade do ensino no primeiro nível era muito baixa dirigido largamente por africanos com pouca qualificação”²⁰³ (tradução nossa). Quando há má qualidade, ou pouca qualidade de ensino em todas as áreas de formação, os resultados negativos irão reflectir-se nos níveis subsequentes. Assim, os maus resultados do ensino primário em Angola colonial vão se reflectir no segundo nível. E continuamos a ter este problema ainda hoje no país. Nosso ensino fundamental não possui bons e boas professores/as.

A maioria dos professores do segundo nível eram portugueses, mas os primeiros anos do segundo nível eram consagrados à matéria do primeiro nível. O problema de professores qualificados no primeiro nível e da falta de professores no segundo nível confrontou o governo pós-independência²⁰⁴ (tradução nossa).

²⁰¹ KAPLAN, 1979, p. 112. *African access to education opportunities was limited for most of the colonial period.*

²⁰² KAPLAN, 1979, p. 112. *Clearly education beyond the primary level was available to very few Africans before 1960.*

²⁰³ KAPLAN, 1979, p. 113. *In general the quality of teaching at the primary level was low carried on largely by Africans with very few qualifications.*

²⁰⁴ KAPLAN, 1979, p. 113. *Most secondary-school teachers were Portuguese but the first years of these schools were devoted to material at the primary level. The problem of unqualified teacher at the primary level and of the lack of teachers at the secondary level (most of the Portuguese having left confronted the postindependence government.*

No entanto, o relatório do primeiro congresso do MPLA publicado em 1977,²⁰⁵ informa que a educação teria a prioridade das prioridades. “Por isso os professores com um nível de formação razoável deveriam ser seleccionados como garantia da implementação dos princípios da política do MPLA”²⁰⁶ (tradução nossa), pois havia poucas pessoas formadas no país. Nesta altura, o Governo tinha que enviar jovens para formação no exterior do país, em Cuba, e em alguns países da Europa, como Rússia e outros do Bloco comunista. Por outro lado, maioria dos jovens do sexo masculino tinham que ir para a tropa a fim de defender o país e sustentar uma Angola independente e soberana.

Muitos esforços foram feitos e ainda há muito por fazer em torno da Educação em Angola. Todas as forças vivas da nação são chamadas a contribuir. A Igreja angolana é uma dessas forças vivas da nação. A Igreja Evangélica Luterana de Angola, como parceira social do Governo Angolano, tem um dever e responsabilidade educativas em conjunto com outras instituições religiosas, sociais e do Estado.

Neste sentido, o próximo item visa apresentar em linhas gerais o projecto educativo da IELA como parte de sua missão em nosso país.

3.6 Projecto educativo da Igreja Evangélica Luterana de Angola - IELA

Para o esquadramento, antes de falarmos propriamente do projecto educativo da IELA, é muito importante fazer uma observação histórico-selectiva do processo educativo em Angola. Olhando o processo educativo em Angola, com os olhos bem abertos e com um coração apaixonado pela nação e amante dum povo inibido do ensino, descobre-se cinco etapas diversificadas:

- a) **Período da educação oral na maneira tradicional e cultural dos povos nativos.** Os angolanos já tinham educação e ensino antes da vinda dos portugueses. Esta prática de ensino e educativa não deve ser ignorada nem subestimada de maneira alguma; se tivermos em conta o continente africano como uma unidade, foi do ensino oral onde mais tarde resultou a escrita, neste continente;

²⁰⁵ KAPLAN, 1979, p. 112. *Moreover professors are to be selected so as to guarantee the implementation of the MPLA's political line and a reasonable course level.*

²⁰⁶ KAPLAN, 1979, p. 115.

- b) **Período da inclusão do ensino ocidental.** Sobre este período, Santos faz uma periodização interessante: “Época do ensino missionário de 1482-1845”,²⁰⁷ “Época do ensino primário 1845-1919”,²⁰⁸ “Época do ensino secundário 1919-1962”,²⁰⁹ “Época do ensino universitário 1962-1969”.²¹⁰
A implementação efectiva do ensino Missionário acontece com os Jesuítas em 1605.²¹¹ A primeira escola foi implantada em Luanda.²¹² Até então, o Estado português não tinha escolas em Angola, desde que Dom Henriques chegou a esta terra em 1482.²¹³
- c) **Período da fundação livre de escolas do governo português.**
Esta etapa inicia com governador-geral de Angola de nome Dom. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho.²¹⁴
“Atribui-se-lhe a criação, em Luanda, de uma escola de primeiras letras, de ler, escrever e contar (como então se dizia), a que nós damos hoje habitualmente a designação de escola primária”.²¹⁵ A mesma escola foi criada em 1764.²¹⁶ Somente 282 anos depois²¹⁷ da sua chegada em Angola, o governo português cria uma escola. Constata-se que efectivamente ele não queria liberar o ensino aos nativos. Ainda assim se reivindica para si o projecto de “civilizar” os povos do além-mar: “a expansão portuguesa no mundo, sobretudo na África e na América, só se justifica e explica pela acção civilizadora que realizamos ou pretendemos realizar”.²¹⁸ No entanto, os factos mostram que o ponto de partida não foi este. Dom Henriques, quando se lançou ao mar seguiu os exemplos dos espanhóis em busca do ouro²¹⁹ além-mar, não foi para levar a “civilização” à África. A extensão de educação e ensino – falando do sistema colonial para os angolanos – surge como consequência das necessidades de mão-de-obra angolana para o emprego dos comerciantes portugueses e pela imposição das lutas de libertação nacional.
- d) **Criação e fundação de escolas por pressão da luta de libertação nacional.**
Somente a partir de meados de 1950 à 1961, o governo português começa a prestar mais atenção à educação dos angolanos.²²⁰ Santos mostra que “de 10 de Março de 1969 a 27 de Fevereiro de 1970, o governo Português, em Angola, fez quarenta despachos para criação e fundação de escolas bem como de bibliotecas”.²²¹ Foram muitos despachos no espaço de um mesmo ano, o que mostra claramente que as mesmas criações de escolas decorreram sob pressão política no país. Seis anos depois, o Estado colonial deixaria Angola. “Porém, o

²⁰⁷ SANTOS, Martins dos. *A História do Ensino em Angola*. Luanda: Edição dos Serviços de Educação, 1970. p. 11.

²⁰⁸ SANTOS, 1970, p. 115.

²⁰⁹ SANTOS, 1970, p. 221.

²¹⁰ SANTOS, 1970, p. 279.

²¹¹ SANTOS, 1970, p. 38.

²¹² SANTOS, 1970, p. 38.

²¹³ WILLS, A. J. *The History of Central Africa*. London: Oxford University Press, 1964. p. 29.

²¹⁴ SANTOS, 1970, p. 86.

²¹⁵ SANTOS, 1970, p. 86.

²¹⁶ SANTOS, 1970, p. 86.

²¹⁷ Tenho em mente que houve tempo de descoberta e resistências dos nativos contra a ocupação.

²¹⁸ SANTOS, 1970, p. 13.

²¹⁹ WILLS, 1964, p. 29.

²²⁰ KAPLAN, 1979, p. 112.

²²¹ SANTOS, 1970, p. 341.

conflito entre os portugueses e os vários movimentos anticoloniais e a guerra civil, deixaram o sistema de educação em caos”²²² (tradução nossa).

É importante resgatar o valor educativo da luta pela libertação nacional nesta pesquisa. Não fosse essa luta, ainda, se calhasse, os angolanos estariam impugnados da educação e ensino escolares pelo sistema colonial.

O primeiro governo de Angola independente vai se ocupar incansavelmente com o sistema caótico de educação resultante do sistema colonial.

e) O programa educativo do primeiro Governo angolano.

O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) é o partido de Angola que proclamou a independência do país a 11 de Novembro de 1975. Em Dezembro de 1977, em seu primeiro congresso, tornou público o programa de educação no país: “diz-se que a educação primária e secundárias, constituem uma tarefa exclusivamente da competência do Estado e os documentos constitutivos do Partido reafirmam o carácter secular da educação”²²³ (tradução nossa).

Assim, o governo de Angola, a partir da Independência, assumiu exclusivamente a educação escolar das crianças. A partir desta altura, o ensino passou a ser gratuito. Todas as crianças, desde a idade escolar até ao último velho, eram convidados à escola: as crianças ao ensino regular e os adultos e idosos, à alfabetização. O sistema do ensino gratuito durou em torno de 25 anos em Angola independente. Depois do estabelecimento da paz no país, em 2002, começou a surgir colégios privados e as escolas das igrejas também começaram a funcionar. A IELA abriu um Complexo Escolar, em 2006, que funciona em parceria com Governo provincial do Cunene e tem escolas no Huambo.

A educação básica primária que, na era colonial, era definida para um período de 4 anos, depois da Independência passou a ser de 8 anos.²²⁴

Durante o período da Guerra Civil, havia carência do material didáctico bem como os docentes eram poucos. Os condicionamentos das estruturas escolares e recursos pedagógicos eram limitados. Em alguns lugares tinha escolas, mas, mal ou nada, as crianças aprendiam. As crianças sentavam nas pedras, pedaços de paus ou latas vazias de leite... No meio rural, ainda hoje vamos encontrar um defeito muito grande no que se refere ao aprendizado das crianças. Ali, no meio rural, e não só, o governo distribui material escolar gratuito, mas o ambiente de trabalho e

²²² KAPLAN, 1979, p. 113. *The conflict between the Portuguese and the various anticolonial movement and the civil war that ensued after independence left the education system, such as it was in chaos.*

²²³ KAPLAN, 1979, p. 114. *Primary and secondary education are said to constitute a task [...] exclusively within the state's competence, and the party document reaffirms "the Constitutional law on the lay character of education.*

²²⁴ KAPLAN, 1979, p. 114. *Primary education, defined as a basic eight-year course, is to be universal and education, at all levels is to be free.*

estudo é impróprio. Algumas “salas de aulas”, ainda hoje em dia, são localizadas embaixo de árvores, onde as crianças sentam-se nas pedras e ou em troncos de madeira. Como exemplo, na aldeia do autor deste trabalho, existe um embondeiro que é utilizado como sala de aulas desde sua infância até hoje. Os pais das crianças não conseguem organizar-se para melhorar as condições escolares de seus filhos ou sua comunidade. Esperam que o governo o faça por eles.

Uma das coisas boas, relativamente à educação e que surge depois da independência em Angola, é o programa de alfabetização.

A Igreja, em suas actividades celebrativas, utiliza as línguas maternas. Aliás, isso está plasmado no Estatuto e Regulamento da IELA. Esta prática será um veículo facilitador na alfabetização das populações como bem entende Kaplan: “e o uso das línguas locais é esperado para facilitar o treino da alfabetização”.²²⁵

O uso das línguas locais facilita a compreensão da população na aprendizagem. Como vantagem do uso das línguas locais, em 2006, a IELA promoveu uma campanha de alfabetização a nível nacional utilizando nove línguas locais mais o português, num total de dez línguas.

3.6.1 A consciência do contexto sociocultural e aplicação do projecto

A história do ensino em Angola, conforme o panorama acima indicado, culmina apontando para uma organização atenta e disposta a oferecer a todas as pessoas o ensino desejado. A Igreja faz parte deste processo educativo.

No seio das congregações da IELA, encontram-se muitas crianças que não estudam, facto que constituiu motivo desta pesquisa. Por que não estudam?

Certas famílias não reconhecem a importância da educação escolar. Por isso, não enviam as crianças a escola. Primeiro as crianças são exigidas a trabalhar em casa e segundo ir a escola. No meio rural, na ordem de valores, a escola é a segunda coisa, enquanto devia ser o contrário;

A falta de estruturas escolares e professores/as. Este motivo, no entanto, agora que o país é independente e tem paz, está sendo superado. Porém, é tarefa das famílias, da sociedade e das congregações sensibilizarem as crianças para irem à escola. A Igreja deve sensibilizar seus membros a darem seu contributo na construção de escolas, embora seja esta a tarefa específica do governo.

²²⁵ KAPLAN, 1979, p. 114. *And the use of local language is expected to facilitate literacy training.*

O presente projecto educativo tem em vista a educação escolar da população infanto-juvenil, no meio rural, e educação cristã integrada. Por outro lado, não ignora a cidade. Apenas estabelece prioridades no campo devido à carência.

No meio rural, apesar do esforço actual do governo, há falta de escolas, de professores bem qualificados e comprometidos seriamente com o aprendizado das crianças. A Igreja tem congregações no meio rural. A falta de escolas em certos lugares no campo tornou-se um ciclo vicioso que se impõe como “cultura”,²²⁶ porque os mesmos hábitos, os mesmos costumes e atitudes, por onde passaram tantas gerações – que se acostumaram com a falta de educação escolar – ainda marcam presença nesta era.

A Igreja Evangélica Luterana de Angola, em cadeia com os governos das províncias²²⁷ onde actua, deve promover programas educativos e Educação Cristã, que penetre e imprima, numa forma benigna,²²⁸ transformações condignas entre as populações que habitam no meio rural,²²⁹ e não só.

Reforçamos o valor fundamental da educação escolar para sustentar e reproduzir modelos e atitudes técnicas inicialmente adquiridas pela criança no seio da família. Como afirma um educador: “a criança passa os primeiros anos de vida imersa na comunidade familiar e nesta são fincados os alicerces de sua personalidade antes que venha sofrer influência”²³⁰ extra-familiar. A IELA deve criar uma pastoral da família para ajudar na educação dos filhos e melhorar as relações familiares azedadas pelo materialismo e consumismo.

A leitura da palavra de Deus e a oração com a criança em casa cria um/a cristão/ã e cidadão/ã maduro/a, que não só depende do culto dominical, mas cresce atento ao bem-estar da sociedade sustentado pela catequese e educação bíblica. Da mesma feita, um pai ou uma mãe que sabe ler e escrever jogará um papel importante no processo educativo de sua criança.

²²⁶ Ciclo vicioso que se impõe como uma “cultura” significa aqui: se os bisavôs, os avós, os pais não conheciam a importância da escola, a mesma situação tornar-se-ia parte da vida dos coetâneos, sendo considerada normal.

²²⁷ Não deve ser um programa paralelo ao do governo, mas, integrado e que obedece as leis do ensino no país.

²²⁸ Sem prejudicar ou desprezar a cultura local.

²²⁹ Este procedimento irá reduzir, ou mesmo impedir, o êxodo rural.

²³⁰ MORENO, 2002, p. 251-252.

Neste contexto de actuação, a prioridade das prioridades do projecto educativo da IELA é ensinar todos os membros da Igreja a ler e escrever. No entanto, o grupo alvo específico é a das crianças: dos zero aos catorze anos. Cada pastor/a, em sua congregação local, deve ser responsável pela educação escolar. A IELA já iniciou com este programa educativo em algumas das suas congregações. Far-se-ia muito bem que todas as congregações aderissem ao programa educativo, ao mesmo tempo que evangelizam.

Porém, é fundamental reforçar que pensar a educação escolar na Igreja não significa apenas ensinar a ler e a escrever; é essencial a educação bíblica dominical das crianças para o crescimento espiritual no conhecimento da doutrina cristã, em geral, e confessional em particular. O projecto educativo da Igreja Evangélica Luterana de Angola, como igreja missionária, deve ser expressa em duas dimensões:

- a) Educação escolar, académica, para ensinar ler e escrever e profissionalização, aumentar o nível académico e sociocultural das pessoas. Este é abrangente; voltado à cidadania e sem fins proselitistas.
- b) Educação cristã: neste sentido, a educação não é separada da experiência espiritual do povo de Deus, mas mantida sempre em um contacto inspirativo no qual os crentes em Cristo crescem em seu compromisso de fé²³¹ e na compreensão confessional. Uma pessoa crente com limitada educação cristã tem dificuldades de comunicar o que sente e sabe²³² sobre a fé. Conforme Fowler, uma pessoa com falta de instrução, mesmo crescendo graficamente, “permanece principalmente num sistema tácito de fé convencional, isto é não-examinado”.²³³ Com sistema tácito de fé, os cristãos, não conseguem compartilhar sua fé. Tal pessoa não pode evangelizar os outros porque não tem capacidade de discutir “valores a fim de examinar os valores ou para se certificar de que suas opiniões estão correctas”.²³⁴ Vamos procurar fazer com que o projecto educativo da IELA conduza as pessoas a um “ego executivo”,²³⁵ que representa o protagonismo em sua vida.

Na educação cristã, os catecúmenos que estudam para serem batizados, as aulas doutriniais decorrerão com ensino de leitura e escrita para permitir que ao serem batizados, os novos membros se tornem uma comunidade hermenêutica, capaz de se reunir para estudar e interpretar a Bíblia.²³⁶ Isto é, uma comunidade

²³¹ AHONEN, Risto. *Mission in the New Millennium*. Helsink: Hakaipaino Oy, 2009. p. 154.

²³² FOWLER, 1992, p. 143.

²³³ FOWLER, 1992, p. 138.

²³⁴ FOWLER, 1992, p. 142.

²³⁵ FOWLER, 1992, p. 152.

²³⁶ AHONEN, 2009, p.154.

capaz de discipular e debater em torno de sua confessionalidade. Chega de baptizar pessoas que não sabem ler e escrever, sob pretexto de torná-las dignas do reino dos céus.

O projecto educativo da Igreja, este trabalho de pesquisa, não é um documento formal com acções delimitadas no tempo. Trabalho daquele género é algo a ser tratado noutra lugar.

Aqui se trata de uma contribuição pretensiosa ao trabalho missionário (Cf. Mateus 28.19-20) da IELA, que vem a ser desenvolvido ao longo dos anos passados e que deve ser continuado.

Ademais, para não deixar esta proposta desprovida de executores específicos, a Igreja deve recomendar aos responsáveis das congregações a responsabilidade de formação de especialistas em educação e ensino devidamente incumbidos para esta tarefa.

Aqui chegamos ao final da pesquisa.

Evidentemente, muito ainda precisava ser dito e escrito. Um projecto ambicioso como o que anunciamos aqui não é tarefa de uma geração apenas. É compromisso para muitos anos. Os missionários não objectavam apenas ensinar as primeiras letras. Queriam pregar a palavra de Deus e, portanto, também formar homens e mulheres que iriam organizar a igreja autóctone.²³⁷ A IELA, como Igreja autónoma recém, com marcas de perseguição de colonização e guerras, começa a dar passos significativos no caminho traçado por suas lideranças e comunidades. As crianças e infanto-juvenis da IELA e de comunidades parceiras espalhadas pelo país merecem esta prioridade e muito mais do que isto. Neste sentido, o compromisso de fé no evangelho de Jesus permanece como fundamento e como desafio para transformar a vida e a realidade de muitas crianças que confiam naqueles que são hoje seus educadores e educadoras.

Uma coisa que ficou bem clara nesta pesquisa é o espírito do amor verdadeiro, coragem, fé e, sobretudo, o compromisso com a causa do evangelho encontrados nos missionários, nacionais e internacionais, nos quais as gerações actuais e vindouras devem se inspirar para o fortalecimento da Igreja angolana e desenvolvimento das populações angolanas.

²³⁷ Por isso, a Missão concedeu bolsas de estudos para formação de obreiros autóctones.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa pesquisa, ficou exponencialmente reconhecível as influências religiosas e educativas da Igreja Evangélica em Angola. As influências religiosas e educativas evangélicas luteranas em seu contexto foram odiadas e perseguidas pelo sistema colonial. Nem por isso seus missionários deixaram de anunciar o evangelho e se empenhar para a melhoria da vida do povo. Isso serve de inspiração para as gerações presentes e futuras.

Em relação ao período anterior à cristianização, demonstramos aqui como a constituição da família angolana é extensa, formada por constelações de famílias nucleares cujo elo de ligação não é sexual, mas uma relação de pais para filhos composta por duas ou mais gerações. Desde pequenas as crianças são ensinadas a conviver em paz com as outras pessoas.

Na concepção angolana, a infância começa na gestação do feto. A aprendizagem na adolescência se dá pela forma vertical, de pai para filho e de mãe para filha. Os ritos de passagem – a festa de nubilidade para as meninas e a circuncisão para os rapazes – são concebidos para determinar a transição da fase infantil para a fase adulta. No entanto, pelo facto de a idade de admissão ao mesmo rito, que é a partir dos dez anos, em vez de ser passagem para a fase adulta torna-se permissão para o exercício sexual.

Historicamente, foi com a Igreja Católica Romana que começou a implantação de escolas em Angola. O governo português só o fez muito tarde, depois de quase ter passado três séculos da chegada dos colonizadores em solo angolano.

As sociedades missionárias protestantes em Angola, em geral, não tinham projecto educativo. Elas só vão começar a se ocupar com escolas a partir da cobrança dos nativos que queriam aprender a ler e escrever e pela demanda de mais novos obreiros para o trabalho de evangelização.

Com andar do tempo, as missões protestantes fundaram instituições, educativas evangélicas para educação escolar.

Os inimigos da paz, a colonização, e a Guerra Civil contribuíram amargamente, para o caos escolar em Angola. A independência do país libertou a

educação para todo povo angolano. Com a decisão do MPLA de dar prioridade à educação das crianças aumentando o estudo primário obrigatório para 8 anos, a situação começou a melhorar. Todavia, mesmo assim, o desafio é grande e as igrejas podem colaborar muito para cumprir com o mandato da educação.

A Igreja Evangélica Luterana de Angola herdou a tradição educativa da Reforma. Desde o início, os missionários ocidentais e nativos se preocuparam com a evangelização e educação escolar das crianças.

O sistema educativo escolar proposto pela missão evangélica luterana em Angola foi concomitante com a Educação Cristã. O desenvolvimento que se seguiu, principalmente quando a igreja se tornou autónoma, vem a demonstrar que o desafio da educação é e será permanente para a igreja cristã em Angola.

Desta feita, o actual projecto educativo da IELA não deve dissociar, completamente os fundamentos bíblicos educativos propostos pela missão. O novo projecto deve fazer evoluir as bases já lançadas sem destruí-las. Em princípio, ele vai priorizar a alfabetização aliada à profissionalização, numa proposta que visa aumentar o nível sociocultural das pessoas de modo a afirmar a cidadania, sem fins proselitistas e sem esquecer a evangelização que é sua tarefa principal. Ao mesmo tempo, a proposta não pode ser desvinculada da educação cristã, que deve estar sempre vinculada à experiência espiritual do povo de Deus, num contacto inspirativo no qual os crentes em Cristo crescem em seu compromisso de fé e em sua compreensão confessional.

Em suma, o que a IELA deseja alcançar com este projecto educativo que aqui expomos em linhas gerais, é proporcionar a maturidade para a vida de fé e de cidadania de seus membros. Isto significa, em outras palavras, reforçar seu protagonismo como povo de Deus em Angola. Desta forma, a Igreja estará cumprindo com sua missão a serviço do evangelho libertador de Deus e beneficiando largamente a melhoria de vida de nosso povo.

REFERÊNCIAS

- A BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 2000.
- AHONEN, Risto. *Mission in the New Millennium*. Helsink: Hakaipaino Oy, 2009.
- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *A Cultura Tradicional Banto*. 2. ed. Luanda: Secretaria Arquediocesana de Pastoral, 1993.
- ANJOS, Margarida dos. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteiras, 1986.
- BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Mudança de Paradigma na Teologia da Missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Por paz e Justiça*. São Leopoldo: Johannes F. Hasenack, 1997.
- BURKHALTER, Frank E. *Como Ganhar os Adolescentes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.
- CABRAL, Maria Alice dos Santos. *O Sector Informal em Angola: a solidariedade como tradição e estratégia de sobrevivência no mercado da Caponte em Benguela*. Benguela. KAT Consultoria & Formação, 2006.
- CARTER, Betty (Org.). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1995.
- COOK, Bárbara. *Como criar filhos felizes*. 2. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1982.
- CORDEIRO, Mário. *Dos 10 aos 15 anos: adolescente e adolescência*. 3. ed. Lisboa: Publisher Team, 2004.
- DIAS, Arcelina Helena Publio. *Perdão ÁFRICA Perdão*. Goiás: Rede, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Revista e aumentada, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOWLER, James W. *Estágios da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. *O Novo Testamento Grego Analítico*. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- HENDERSON, Lawrence W. *A Igreja em Angola*. Lisboa: Além-Mar, 1990.
- HOCH, Lothar Carlos. Educação evangélica a partir do conceito de vocação. In: MALSCHITZKY, Gustavo; GOLDMEYER, Marguit, WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Luteranismo e Educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DE ANGOLA. *Estatuto e Regulamento da IEA*.

- KAPLAN, Irving. *Angol: A Country Study*. Washington: The American University, 1979.
- KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. 1996. Dissertação (Mestrado em Teologia) - São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, 1996.
- LADOSCI, G. Criança. In: *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*: Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Paulus, 2002.
- LEHTONEN, Lahja. *Ondjokonona yooskola mOwambo 1870-1970. [A História das escolas no Amboó 1870-1970]*. Helsink: University Printing House, 2001.
- LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- LUTERO, Martinho. Aos Conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.
- MALSCHITZKY, Gustavo; GOLDMEYER, Marguit; WACHS, Manfredo C. (Orgs.). *Luteranismo e Educação: reflexões*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
- MONTEIRO, Ramiro Ladeiro. *Os ambós de Angola, antes da independência*. Lisboa: Artes Gráficas, 1994.
- MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em valores*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- NAMBALA, Shekutaamba Vaino yaShekutaamba Vaino. *Hambelela Nyokokulu. Ondjokonona ya ELCIN*. Ondangwa: Eloc Printing Press. 1996.
- NDAWANAPO, Tomás. *Missão Integral da Igreja Evangélica Luterana de Angola: documento apresentado na Consultação com os Parceiros*. Lubango: 2009.
- NDEUTAPO, Noé. *Onakudiwa ya IELA 1871-2000: História da Igreja Evangélica Luterana de Angola*. Windhoek: Gamsberg Macmillan Publishers, 2005.
- NETO, José Ferreira. *O Baixo Cunene: subsídios para o seu desenvolvimento*. Lisboa. Centro de estudos políticos e Sociais, 1963.
- PELTOLA, Martti. *Nakambale*. Pietermaritzburg: Natal Witness Commercial Printers, 2002.
- PEUKERT, Úrsula. Solidariedade Intergeracional. In: METTE, Norbert (Org.). Onde estão as Nossas Crianças. *Concilium*, Petrópolis, v. 264, n. 2, 1996.
- SANTOS, Martins dos. *A História do Ensino em Angola*. Luanda: Edição dos Serviços de Educação, 1970.

SCHULTZ, Valdemar. Formação Cristã Continuada: uma reflexão a partir do Fórum Nacional do Ensino Confirmatório da IECLB. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino Confirmatório e Confirmação*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SILVA, José Pinheiro da. Comentário. In: SANTOS, Martin dos. *História do Ensino em Angola*. Luanda: Edição dos Serviços de Educação, 1970.

SILVA, Marta Nornberg da. Valorização no Ensino Confirmatório: apontamento teórico-práticos para o processo ensino-aprendizagem. In: PONICK, Edson; WACHS, Manfredo Carlos; SCHULTZ, Valdemar (Orgs.). *Ensino Confirmatório e Confirmação*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WEIL, Pierre. *Relações humanas na família e no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1987.

WILLS, A. J. *The History of Central Africa*. London: Oxford University Press, 1964.